



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**  
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Animação Sócio-Religiosa**

**MARIA DO SAMEIRO DE LIMA MIRRA**

**Ao (re)encontro da Paróquia que vive da  
Alegria do Evangelho**

**-Desafios teológicos, espirituais e pastorais**

**Dissertação Final**  
**sob orientação de:**  
**Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro**

**Porto**  
**2015**

## **AGRADECIMENTOS**

A minha consciência de “ser Igreja” desde sempre se identificou com a Paróquia, em particular a de Santa Maria de Avioso (Maia). Nela me senti acolhida, responsabilizada, comprometida e enviada. O meu interesse em aprofundar os estudos teológicos centrou-se sempre num desejo de melhor servir a Igreja, em particular a Paróquia, onde a minha ação pastoral mais incide.

Agradeço e dedico, esta tese de mestrado, a todos os que comigo caminharam na descoberta da Paróquia, como comunidade gerada pela Alegria do Evangelho:

Ao Padre Arnaldo Duarte, pároco da minha juventude, que desde cedo me incentivou, responsabilizou e promoveu uma espiritualidade de comunhão e participação. Com ele descobri e tomei consciência da paróquia como comunidade, no seio da Igreja diocesana e universal.

Aos restantes Párocos, a sua confiança, apoio e abertura a uma participação e compromisso laical.

A todos os que, na Paróquia, têm caminhado comigo na verdadeira experiência de comunhão e de (re)descoberta de Jesus Cristo.

Ao Professor Doutor António Abel Canavarro, orientador desta dissertação de mestrado: Ao (re)encontro da Paróquia que vive da alegria do Evangelho, agradeço o apoio, a partilha do saber e as valiosas contribuições para o trabalho.

## ÍNDICE

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO   | 8  |
| CAPÍTULO I – A PARÓQUIA: EXPRESSÃO DA IGREJA UNIVERSAL                                   | 10 |
| <b>1. Igreja, continuadora da obra de Jesus Cristo</b>                                   | 10 |
| <b>2. A Igreja realiza-se nas comunidades</b>  | 13 |
| 2.1. As primeiras comunidades  | 13 |
| 2.2. A Paróquia e suas representações ao longo da história da Igreja                     | 14 |
| 2.3. A Paróquia do Vaticano II   | 19 |
| 2.3.1. A Paróquia como comunidade cristã   | 21 |
| 2.3.2. A Paróquia como serviço público e religioso                                       | 22 |
| 2.3.3. A Paróquia como célula missionária  | 23 |
| <b>3. Evangelizar: a missão da Igreja e da Paróquia</b>                                  | 24 |
| CAPÍTULO II – A PARÓQUIA HOJE: DESAFIOS E PERSPETIVAS                                    | 28 |
| <b>1. Análise sócio-religiosa da relação dos cristãos com a paróquia</b>                 | 28 |
| <b>2. A realidade paroquial</b>  | 29 |
| <b>3. Para uma Nova Paróquia</b>   | 31 |
| 3.1. De uma pastoral de manutenção para uma pastoral de conversão e missionária          | 33 |
| 3.2. A dimensão comunitária da paróquia  | 35 |
| 3.3. Para uma pastoral de gestação, encontro e conversão                                 | 37 |
| 3.4. Propostas de ação pastoral para diversos percursos de fé nas comunidades paroquiais | 39 |

|           |  |           |
|-----------|--|-----------|
| 3.4.1.    | Os que se encontram afastados da comunidade paroquial                                      | 40        |
| 3.4.2.    | Os que têm vivência comunitária mas que não se comprometem<br>ativamente na paróquia       | 44        |
| 3.4.3.    | Um pequeno grupo muito ativo, com formação e sentido de cor-<br>responsabilidade na Igreja | 49        |
| <b>4.</b> | <b>A Catequese</b>   | <b>52</b> |
| 4.1.      | A catequese como encontro, comunhão e intimidade com Jesus Cristo                          | 55        |
| 4.1.1.    | A catequese familiar   | 57        |
| 4.1.2.    | A catequese paroquial  | 59        |
| 4.1.2.1.  | O primeiro anúncio /pré-catecumenado   | 60        |
| 4.1.2.2.  | A catequese como educação da fé  | 61        |
| 4.1.2.3.  | Uma catequese Kerigmática e mistagógica  | 62        |
| 4.1.2.4.  | A catequese de adultos   | 67        |
| 4.2.      | Os agentes da catequese: evangelizadores com espírito                                      | 70        |
| 4.2.1.    | A família como “Igreja doméstica”  | 70        |
| 4.2.2.    | A comunidade paroquial   | 74        |
| 4.2.3.    | Os catequistas   | 75        |
| <b>5.</b> | <b>O testemunho: gerador de vida em Cristo</b>   | <b>77</b> |
| 5.1.      | Os sacerdotes  | 77        |
| 5.2.      | A participação dos leigos no ministério da Igreja  | 82        |
| <b>6.</b> | <b>A espiritualidade na edificação das paróquias como comunidades</b>                      | <b>86</b> |
| 6.1.      | Promover uma espiritualidade de comunhão   | 87        |
| 6.1.1.    | O Conselho Paroquial de Pastoral: gerador de comunhão                                      | 88        |
| 6.2.      | Promover uma espiritualidade com sentido missionário                                       | 90        |

|  |     |
|--|-----|
| CAPÍTULO III – A REORGANIZAÇÃO DA AÇÃO PASTORAL DAS                  |     |
| PARÓQUIAS  | 93  |
| 1. A comunidade paroquial  | 95  |
| 2. Comunidades missionárias  | 96  |
| 3. Desafios à Paróquia como “comunidade de comunidades” missionárias | 97  |
| 4. A Inter-paroquialidade ou Unidades Pastorais                      | 100 |
| 5. As Vigararias   | 104 |
| CONCLUSÃO  | 107 |
| BIBLIOGRAFIA   | 111 |

## SIGLAS

- AA - DECRETO SOBRE “O APOSTOLADO DOS LEIGOS” DO CONCÍLIO VATICANO II.
- AG - DECRETO “AD GENTES” SOBRE A ATIVIDADE MISSIONÁRIA DA IGREJA DO VATICANO II
- CDC - CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO
- ChL - EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL “CHRISTIFIDELES LAICI”
- CIC - CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA
- CT - EXPORTAÇÃO APOSTÓLICA “CATECHESI TRADENDAE”
- DA - V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, “DOCUMENTO DE APARECIDA”
- DGC - DIRETÓRIO GERAL DA CATEQUES
- EG - EXORTAÇÃO APOSTÓLICA “EVANGELII GAUDIUM”
- EN - EXORTAÇÃO APOSTÓLICA “EVANGELII NUNTIANDI”
- GS - CONSTITUIÇÃO PASTORAL “GAUDIUM ET SPES” SOBRE A IGREJA NO MUNDO DE HOJE DO CONCÍLIO VATICANO II.
- LG - CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA “LUMEN GENTIUM” SOBRE A IGREJA DO CONCÍLIO VATICANO II

- NMI - CARTA APOSTÓLICA “NOVO MILLENNIO INEUNTE”
- RM - CARTA APOSTÓLICA “REDEMPTORIS MISSIO”
- VQA - CARTA APOSTÓLICA “VICESIMUS QUINTUS ANNUS”

## INTRODUÇÃO

Para a grande maioria dos cristãos falar de Paróquia é falar de Igreja. Continua a ser o lugar privilegiado onde a maioria das pessoas se identifica como cristã e à qual recorre para a iniciação cristã: a catequese, o sacramento do batismo e da eucaristia e, mais tarde, para o sacramento do matrimónio e para os funerais. No entanto a grande maioria não se identifica com ela, não se sente membro da Igreja, e apenas recorre à Paróquia quando necessário. A Paróquia surge assim mais como um serviço público religioso, com um cartório para falar com o Pároco para obter documentos ou marcar os sacramentos; com a Igreja para celebrar a Eucaristia que, muitas vezes, é mais um “rito” do que um sacramento; com os espaços adjacentes para a catequese e encontro dos grupos pastorais, que vão procurando a manutenção de alguns serviços e ministérios. Verifica-se ainda uma grande identificação da Igreja com o Pároco.

Por outro lado, a Paróquia continua a ser o espaço privilegiado que permite o contacto com a Palavra de Deus, o crescimento e celebração da fé, o encontro e experiência de Deus, o compromisso cristão. Esta foi a minha experiência pois, desde que tenho “consciência” de batizada, a Paróquia tem sido o “espaço” onde aprofundi a minha fé, iniciada na família cristã onde nasci, onde alimento e celebro a fé através da oração e dos Sacramentos, onde descobri e experimentei a dimensão comunitária da fé, que me impulsionou a querer aprofundar os meus conhecimentos teológicos, através do estudo, de forma a um maior compromisso laical na missão da Igreja. E como eu muitos cristãos encontram na paróquia o lugar privilegiado no qual fazem uma experiência concreta de Cristo e de comunhão eclesial.

Neste estudo proponho uma reflexão sobre a paróquia e seus desafios, em três capítulos. No primeiro, faço o enquadramento da paróquia como realização da Igreja que nasce como dom de Cristo e do Espírito, e as suas representações ao longo da

história da Igreja, situando a sua missão única e primária no anúncio do Evangelho a todos os homens. É a permanente fidelidade a Cristo e ao Evangelho que é colocada às paróquias e que as desafia a uma nova evangelização, (re)propondo o anúncio da Pessoa de Jesus Cristo como grande prioridade.

No segundo capítulo, onde contextualizo a paróquia num mundo em constante e rápida mudança e em que considero que as paróquias não têm tido a capacidade de responder aos desafios do mundo de hoje, comungo da afirmação de que a “*Paróquia é necessária, mas insuficiente*”<sup>1</sup>. As paróquias ainda não acolheram ou não tiveram capacidade de responder ao grande desafio de abertura ao mundo proposto pelo Vaticano II, mas têm toda a potencialidade para se transformar, voltando à origem e propondo o Evangelho, no dinamismo missionário que a fundou e enviou a todos os homens, na docilidade ao Espírito e com o ardor e o entusiasmo dos primeiros discípulos, mas por caminhos novos que são o caminho dos homens e mulheres de hoje.

No último capítulo, refiro a necessidade de uma reorganização da ação pastoral das paróquias e de uma pastoral de corresponsabilidade e de comunhão que passa por valorizar, simultaneamente, a inter-paroquialidade e as vigararias. Esta reorganização responderá à urgência de uma conversão pastoral que transforme as paróquias em comunidades evangelizadoras e missionárias, centradas na alegria do Evangelho,

Assim, a paróquia renovada, será “*a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas*”<sup>2</sup>, edificada numa espiritualidade de comunhão e missionária.

---

<sup>1</sup> ROCHA, Georgino, *Paróquia e unidades pastorais*, Gráfica de Coimbra, 2005, p. 11.

<sup>2</sup> *ChL*, n° 26.

## CAPÍTULO I - A PARÓQUIA: EXPRESSÃO DA IGREJA UNIVERSAL

A Igreja nasce do desígnio de salvação de Deus e da entrega de Jesus por nós (cf. 1Jo 1, 1-4).

*“Deus criou os homens para constituírem, com Ele, uma única comunhão de amor. O pecado, enquanto ruptura de aliança, foi o maior desgosto de Deus. (...) Mas Deus não desistiu de ter, no meio dessa humanidade dispersa, um Povo que o reconhecesse e O amasse, selando e respeitando a aliança. Era um povo pequeno, os fiéis foram sendo cada vez menos a ponto de o próprio Senhor lhes chamar ‘resto fiel’, que acabou por se concentrar num único justo que na sua fidelidade e obediência lançou as raízes de um povo novo, que Deus deseja que volte a ter no último dia, as fronteiras da humanidade. O projeto da Igreja foi a maneira de Deus não desistir do seu desígnio sobre a humanidade”<sup>3</sup>.*

### **1. A Igreja, continuadora da obra de Jesus Cristo**

Jesus Cristo, na sua história, prepara a Igreja e forma os apóstolos durante os cerca de três anos que permaneceu com eles. Na sua relação com eles aparece como Aquele que vive em intimidade e unidade com o Pai e que tem como missão atrair e conduzir todos à unidade, ao Pai, como *“um só rebanho e um só pastor”*(Jo 19, 16). Cristo toca o coração de alguns homens, que acolhendo a Sua Palavra e o Seu amor, vão sendo gerados para uma vida nova. Jesus, mesmo antes do acontecimento da Páscoa, envia os seus discípulos em missão, e sobre um deles, Simão Pedro, que acabava de proclamar n’Ele a sua fé (cf Mt 16,16), edifica a Sua Igreja: *“Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”*(Mt 16, 18).

---

<sup>3</sup> D. JOSÉ POLICARPO - Patriarca de Lisboa, 5ª catequese quaresmal – 1998.

A Igreja, continuação da obra e sacramento de Jesus Cristo, inicia na verdade a sua missão, na manhã da Ressurreição, quando os discípulos recebem de Cristo o mandato que os envia em missão: *“Ide e fazei com que todos os povos se tornem Meus discípulos”*(Mt 28, 20a). Mas vivem ainda a fragilidade do segundo dia em que, apesar do reconhecimento de Jesus Cristo ressuscitado, subsiste a dúvida e o medo que os impede de serem audazes. O grupo dos apóstolos estão *“unidos pelo mesmo sentimento, entregam-se assiduamente à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus”*(Act 1, 14), ao qual se vai associando um pequeno grupo.

Todo este caminho de progressivo nascimento da Igreja tem a sua manifestação pública no dia de Pentecostes, em que os apóstolos foram batizados no Espírito Santo, tal como Cristo havia prometido. Com a Ressurreição de Jesus e a vinda do Espírito Santo no Pentecostes, os discípulos começaram a descobrir o mistério de Jesus e tornam-se testemunhas de Jesus ressuscitado. É neste dia, o dia da esperança e da proclamação, que Pedro juntamente com os outros discípulos *“ergue a voz”* e proclama que *“Jesus de Nazaré, que vós matastes, cravando-o na cruz, Deus ressuscitou-O”* (cfr Atos 2, 22-24). A Igreja nasce como dom de Cristo e do Espírito aos homens e, por isso, ela é instituída e tem como função tornar continuamente presente o acontecimento da morte e ressurreição de Cristo. E a Igreja, porque vive da própria vida do seu fundador, que é Cristo, torna-se uma instituição viva. E a vida que a habita é a do Espírito Santo que lhe foi dado no dia de Pentecostes.

Os primeiros cristãos entenderam muito bem o que Jesus queria da sua Igreja, comunidade chamada, convocada e reunida por Deus (cfr 1 Cor 1, 1-9). Os Atos dos Apóstolos, que é o Evangelho do Espírito, apresenta-nos a caminho da Igreja, nascida do Espírito Santo, que faz nascer a comunidade cristã e a impulsiona para o testemunho

aberto e corajoso do nome de Jesus e que prolonga o caminho de Jesus até aos confins da terra. Aí encontramos o primeiro retrato da Igreja:

*“Eram assíduos ao ensino dos apóstolos, à fração do pão e às orações. Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos Apóstolos, o temor dominava todos os espíritos. Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um. Como se tivessem uma só alma frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.” (Act 2, 42-47).*

O Concílio Vaticano II, na sua reflexão sobre a Igreja, na *Lumen Gentium*, situa o mandato e a configuração da Igreja no mistério e desígnio de Deus:

*“O Eterno Pai (...) aos que crêem em Cristo, decidiu chamá-los à santa Igreja, a qual, prefigurada já desde o princípio do mundo e admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na Antiga Aliança, foi constituída no fim dos tempos e manifestada pela efusão do Espírito, e será gloriosamente consumada no fim dos séculos”<sup>4</sup>.*

E na *Gaudium et Spes* parte deste mesmo mistério para situar a Igreja como sacramento de salvação no mundo:

*“A Igreja, que tem a sua origem no amor do eterno Pai, foi fundada, no tempo, por Cristo Redentor, e reúne-se no Espírito Santo, (...) composta de homens que são membros da cidade terrena e chamados a formar já na história*

---

<sup>4</sup> LG, n° 2.

*humana a família dos filhos de Deus, a qual deve crescer continuamente até à vinda do Senhor. Unida em vista dos bens celestes e com eles enriquecida, esta família foi por Cristo ‘constituída e organizada como sociedade neste mundo’, dispondo de ‘convenientes meios de unidade visível e social’*”<sup>5</sup>.

## **2. A Igreja realiza-se nas comunidades**

A imagem da Igreja, para os crentes, parte muito da experiência que têm da Igreja local: as Paróquias. E esta, desde a sua origem, tem procurado ser sinal de Jesus Cristo para o homem concreto, construindo-se e configurando-se na história dos homens.

### *2.1. As primeiras comunidades*

A Igreja realiza-se então nas primeiras comunidades que vivem da escuta da pregação de Pedro, que interpela os corações e os leva à mudança de vida; celebram o Batismo e recebem o Espírito Santo; celebram a Eucaristia e a oração comum, sempre assente na vida comunitária. O seu testemunho irradia e leva a que muitos pedissem o Batismo, inserindo-se assim na comunidade.

Para se manterem fiéis, em tempos em que os cristãos eram vistos como “uma seita” nascida no seio dos discípulos de Jesus, estes vivem em comunidade para avivar as lembranças de Jesus, sempre à luz da sua Ressurreição. A ação do Espírito Santo na formação da Igreja realiza-se assim numa dinâmica suportada em quatro pontos: a pregação ou Kerigma, a celebração da fé, a comunhão de vida e de bens (a caridade) e no testemunho que irradia.

---

<sup>5</sup> GS, nº 40.

As Cartas de Paulo, tornam presente a Igreja, no seu pensamento, no coração e na sua atividade. É que a sua conversão, que o faz passar de perseguidor a um grande evangelizador e missionário, foi propiciada por uma intervenção direta de Cristo que, tendo-se-lhe revelado no caminho de Damasco, se identificou com a Igreja e lhe fez compreender que perseguir a Igreja era perseguir Cristo. Então Paulo converteu-se, ao mesmo tempo, a Cristo e à Igreja, proclamando a centralidade de Jesus Cristo morto ressuscitando na sua vida, afirmando que *“para mim, viver é Cristo”*(Fl. 1, 21). Há uma constante afirmação da identificação da Igreja com o próprio Cristo traduzida numa vivência forte de uma espiritualidade de convertido.

As suas Cartas manifestam os problemas e as necessidades das primeiras comunidades cristãs, que ele ou os seus discípulos iam formando. Escritas a diferentes comunidades, têm como objetivo transmitir a doutrina dos Evangelhos; desenvolver a teologia da Igreja; e outras de ordem mais pastoral e prática, advertem para a vivência da fé alertando, por vezes, para os desvios do homens de Jesus de Cristo, ou noutras louvando pela forma como vivem o Evangelho e o anunciam. Paulo, nas suas cartas pastorais, vai delineando uma estrutura da Igreja, mediante os bispos, presbíteros e diáconos, e os cristãos.

## *2.2. A paróquia e suas representações ao longo da história da Igreja*

Mas como é que a Igreja se torna presente aos homens? Onde a encontramos? Como se apresenta a Igreja como Sacramento de Jesus Cristo? É sobretudo nas Paróquias que as pessoas encontram a Igreja encarnada, como comunidade de crentes que têm rosto e se reúnem para a escuta da Palavra, a pregação, a celebração da Eucaristia. O Papa João XXIII referia-se à paróquia como *“a fonte da aldeia à qual*

*todos acorrem para matar a sede*”<sup>6</sup>. Mas as paróquias terão sido sempre este “fontanário”? Como se formavam, quem as dirigia, como viviam? Nasciam e deixavam-se conduzir pelo Espírito Santo?

Ao longo da história, a paróquia como rosto da Igreja peregrina e encarnada na vida dos homens, teve várias representações, adaptando-se à história dos homens na procura de uma fidelidade ao Evangelho<sup>7</sup>.

No primeiro século a comunidade cristã é congregada e dirigida por um bispo. Nos dois séculos seguintes, a paróquia era o que hoje chamamos diocese, onde os sacerdotes exerciam colegialmente o seu ministério junto do bispo sem no entanto se verificar a divisão o território em parcelas. A responsabilidade das paróquias era assumida em colegialidade. Com o aumento do número de cristãos e a consequente impossibilidade de acolher toda a assembleia na celebração da Eucaristia, nos finais do terceiro século, surgiram “paróquias circunscritas” nas quais se celebrava o culto. A unidade local era manifestada pela presença do bispo que, de forma itinerante, ia percorrendo as paróquias ao longo do ano. A paróquia surge então quando um presbítero assume a responsabilidade pastoral de uma zona rural, na dependência da comunidade urbana episcopal. O bispo era o verdadeiro responsável que, na cidade episcopal, celebrava o batismo dos catecúmenos nas grandes festas, assim como tudo o que se referia ao regime penitencial. A missão do pároco estava limitada, quase exclusivamente, à pregação e à catequese.

Nos dois séculos seguintes surge a distinção entre diocese, como circunscrição territorial maior e a cargo do bispo, e a paróquia como a circunscrição menor a cargo de um presbítero. Poderá então afirmar-se que a paróquia tem origem no século IV, com o

---

<sup>6</sup> Cit. Por João Paulo II, ChL, 27

<sup>7</sup> Cf. FLORISTÁN Casiano, *Para compreender a Paróquia*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, Lda., p.11-18.

Imperador Constantino que, após tempos de forte perseguição aos cristãos, assume o cristianismo como a religião do Estado, e a conseqüente entrada das “massas” na Igreja. As paróquias, motivadas então por necessidades e exigências pastorais, promovem a participação de todos os fiéis na liturgia e asseguram a ação pastoral: a celebração dominical, a catequese, a disciplina penitencial, a catequese batismal, os matrimônios. Porque se nascia na Igreja o batismo de crianças foi generalizado, com conseqüente perda do catecumenado. A pertença à Igreja deixa de ser uma decisão pessoal e livre mas por nascimento natural. A grande preocupação centra-se na dimensão sacramental em detrimento de um dinamismo missionário. Surge assim o sistema paroquial e estabelecem-se os direitos da diocese e das paróquias. Aos bispos compete o dever de visitar as paróquias e organizar os sínodos; aos párocos a obrigação de pregar e batizar, administrar os sacramentos, o serviço aos doentes e os funerais.

No século X a paróquia surge como uma organização espacial de proximidade, centrada no enquadramento geográfico dos fiéis. Começa a usar-se amplamente o termo paróquia e aos habitantes do território, paroquianos. Impõe-se aos fiéis uma série de obrigações: cumprimento do preceito dominical e pascal, pagamento dos dízimos e das primícias, cumprimento dos mandamentos da Igreja, o batismo aos recém nascidos, o funeral em terra sagrada, etc. Os batizados tinham a obrigação de receber os sacramentos na sua paróquia, estabelecendo-se assim o monopólio paroquial, que é quebrado pelos mendicantes, que conseguem um “*estatuto de livre pregação e administração dos sacramentos nas suas próprias igrejas*”<sup>8</sup> e com “*um antigo direito de patronato sobre algumas paróquias confiadas como simples benefícios a mosteiros, cabidos e confrarias*”<sup>9</sup>. Os abusos por parte de algum clero e o baixo nível espiritual

---

<sup>8</sup> FLORISTÁN Casiano, *Para compreender a Paróquia*, p. 15.

<sup>9</sup> FLORISTÁN Casiano, *Para compreender a Paróquia*, p. 15.

das paróquias, intuía a necessidade de uma grande reforma, que acontece com a reforma paroquial de Trento.

O Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, decide que cada “populus” (conjunto de pessoas residentes num lugar) constituísse uma paróquia e que tivesse o seu próprio pastor”<sup>10</sup>. A paróquia como enquadramento dos fiéis, que remonta à Idade Média, é retomada e valorizada no Concílio de Trento, com a correspondência entre um determinado território, um pároco, uma população e uma Igreja Paroquial. Neste modelo a Paróquia afirma-se como lugar de controlo dos fiéis: imposição aos fiéis de se confessarem ao seu pároco pelo menos uma vez por ano e de comungarem pela Páscoa na sua paróquia. É estabelecida uma grande relação de proximidade entre o Pároco, que tem como “obrigação” conhecer os fiéis, pelo que surge a necessidade de reorganizar a rede de paróquias, com criação de novas paróquias de forma a que não fossem muito grandes e assim os Párocos pudessem assistir todos os fiéis. Para que o controlo de todos os fiéis fosse possível, é imposta a obrigatoriedade de residência do pároco na paróquia e a proibição de acumulação de funções. É assim criado um forte vínculo entre o pároco e fiéis. O Pároco conhecia os fiéis um a um e as famílias uma a uma. A paróquia tridentina está baseada na “*autoridade sagrada do pároco, na celebração da missa e dos sacramentos, na pregação e na catequese e, ainda, na participação do povo por meio das suas ofertas*”<sup>11</sup>. A paróquia torna-se algo massivo e impessoal sem sentido comunitário.

Nos séculos dezassete a dezanove os poderes civis têm uma grande influência e controle sobre as paróquias e a ação do pároco incide muito na área do ensino, descurando a sua ação evangelizadora.

---

<sup>10</sup> FLORISTÁN Casiano, *Para compreender a Paróquia*, p. 16.

<sup>11</sup> FLORISTÁN Casiano, *Para compreender a Paróquia*, p. 16.

Como consequência de uma maior autonomia dos poderes políticos, no século vinte, verifica-se uma renovação espiritual do clero e crescente consciência por parte dos leigos. O Código de Direito Canônico de 1917 ao afirmar a paróquia como *“parte territorial da diocese, com a sua igreja própria e uma população determinada, atribuída a um reitor especial como pastor próprio da mesma, para a necessária cura de almas”*<sup>12</sup> realça os seus elementos fundamentais: dependência da diocese; território determinado; templo próprio; freguesia concreta; responsável próprio. A ação pastoral incidia em quatro lugares: o templo, para os sacramentos e devoções; a sala, sacristia ou templo para a catequese; o cartório, para o atendimento; a casa dos paroquianos para a visita aos doentes.

A diminuição do clero, a grande mobilidade de pessoas, o mundo moderno e consequente secularização, a crescente influências dos movimentos de renovação da Igreja que chegam às paróquias, a diminuição de batizados convictos e afastamento de uma grande parte da vivência e celebração da fé, levou ao questionamento deste modelo, onde em muitos casos ainda existem hoje muitos “resquícios”.

A Igreja conheceu então uma profunda renovação que o Concílio Vaticano II, realizado de 1962-1965, levou á prática. A sua realização, segundo o Papa João Paulo II, impelia a Igreja *“a uma fidelidade cada vez maior ao seu Senhor. Mas o impulso vinha também das grandes mudanças do mundo contemporâneo, que, como “sinais dos tempos”, exigiam ser decifradas à luz da Palavra de Deus”*<sup>13</sup>.

O Vaticano II abre uma nova perspectiva de Igreja e define-a como Povo de Deus, passando de uma estrutura clerical a uma estrutura de tipo colegial onde sobressaem dois aspetos: a unidade da missão, em que toda a Igreja é responsável como povo

---

<sup>12</sup> CDC, Cân. 216.

<sup>13</sup> JOÃO PAULO II, discurso no encerramento do congresso Internacional sobre a atuação dos ensinamentos conciliares, Roma, 27.02.2000.

sacerdotal, profético, de anunciar e dar testemunho do Evangelho; e a corresponsabilidade: diversidade de funções, de acordo com os carismas de cada um. Este concílio deu um grande contributo para que a Igreja passasse a ser vista não como uma instituição hierarquizada mas como uma comunidade de cristãos espalhados por todo o mundo e constituintes do Corpo Místico de Cristo. Por isso a constituição e as estruturas da Igreja modificaram-se parcialmente e abriu-se espaço para maior participação e apostolado dos leigos.

### *2.3. A Paróquia do Vaticano II*

Na Igreja Católica a definição de paróquia é dada pelo Código de Direito Canônico que declara: *“Paróquia é uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo diocesano”*<sup>14</sup>. Determina ainda o Direito Canônico que *“toda diocese ou outra Igreja particular seja dividida em partes distintas ou paróquias”*<sup>15</sup>. Em geral as paróquias são circunscrições eclesiais territoriais que compreendem todos os fiéis de um determinado território.

O Dicionário da Pastoral, de Cassiano Floristan, refere as

*“paróquias como divisões administrativas, jurídicas e pastorais de cada Igreja local ou particular. Em cada uma atualiza-se toda a Igreja Católica, pois nela encontram-se as estruturas constitutivas fundamentais: cânon das Escrituras, plenitude da estrutura sacramental e a sucessão apostólica ministerial”*<sup>16</sup>.

Ainda no Código de Direito Canônico é referido que

---

<sup>14</sup> CDC, Cân. 515 § 1º.

<sup>15</sup> CDC, Cân. 374 § 1º.

<sup>16</sup> FLORISTÁN, Cassiano, *Dicionário de Pastoral*, p. 401.

*“O Pároco está obrigado a providenciar para que a Palavra de Deus seja integralmente anunciada a todos os que residem na paróquia; por isso esforce-se por que os fiéis leigos sejam instruídos nas verdades da fé, sobretudo pela homilia que se deve fazer todos os domingos e festas de preceito, e pela instrução catequética, e fomenta as atividades pelas quais se promova o espírito evangélico, mesmo no respeitante à justiça social; dê peculiar atenção à educação católica das crianças e dos jovens; esforce-se sumamente por que, associando a si também o trabalho dos fiéis, a mensagem chegue igualmente àqueles que vivem afastados da prática religiosa ou que não professem a verdadeira fé”<sup>17</sup>.*

A palavra Igreja significa “convocação” e é, segundo o Catecismo da Igreja Católica, o povo que Deus reúne no mundo inteiro. Em virtude da graça do Batismo e segundo os seus carismas próprios, os fiéis realizam a Igreja de Deus nas comunidades locais, mediante a escuta da Palavra, a celebração dos sacramentos e o testemunho evangélico, isto é, *“Vive da Palavra e do Corpo de Cristo, e é assim que ela própria se torna Corpo de Cristo”<sup>18</sup>*. Os fiéis são assim chamados a serem membros ativos da comunidade paroquial e colaboradores na sua missão de anúncio do Evangelho, cada um segundo a sua própria vocação. Assim, a Paróquia não é algo abstrato mas é *“sinal diversificado da presença de Deus no meio do Seu povo, reflexo de uma Igreja de comunhão de pessoas com identidade e rosto próprio”<sup>19</sup>*.

A partir da década de sessenta, e com o grande impulso do Concílio Vaticano II, poderemos falar de três modelos de representação das paróquias<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> CDC, Cân. 528 § 1º.

<sup>18</sup> CIC, nº 752.

<sup>19</sup> ROCHA, Georgino, *Paróquia e Unidades Pastorais*, p. 11.

<sup>20</sup> Cfr. BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*, Ed. Gráfica de Coimbra, 2010, p. 31-68.

### *2.3.1. A paróquia como Comunidade cristã*

O modelo de paróquia como comunidade cristã, acentua as relações imediatas entre as pessoas, desvalorizando as relações funcionais e institucionalmente definidas. Os fatores culturais e os documentos conciliares que falam da Igreja como Povo de Deus e Corpo de Cristo, vieram credibilizar esta imagem de paróquia, ressaltando a importância de vínculos entre os membros do corpo. Desvaloriza o aspeto societário e institucional da Igreja para falar mais na vida da Igreja e dos seus membros, valorizando a participação de todos os fiéis, que agem sob ação do Espírito Santo.

Os vínculos da Igreja são de ordem espiritual realçando a igualdade básica entre as pessoas que participam no sacramento do batismo. Como Povo de Deus e membros da Igreja, vivem em espírito de comunhão, vivido, experienciado e centrado na celebração do Sacramento da Eucaristia. A Igreja aparece não como instituição e enquadramento de fiéis mas como Mistério de comunhão.

Assume o modelo de Trento, no qual a paróquia é criada a partir de um grupo estável de habitantes, em número relativamente restrito, mas acentua a relação entre os fiéis que se conhecem e fazem comunidade. Desloca a relação pároco-fiéis para a relação entre todos os membros da Igreja, na diversidade dos seus ministérios. Este modelo valoriza as relações entre as pessoas que se conhecem e fazem comunidade, destacando os vínculos entre os membros da Igreja, chamados a viver a solidariedade, a fraternidade, a ajuda mútua, o intercâmbio, o diálogo e a compreensão.

É importante que não se esqueça que a comunidade é assembleia que se reúne não por livre escolha, mas convocada a viver a fraternidade em Cristo e que ao redor da mesa da Eucaristia, celebra e alimenta a sua fé que é chamada a ser testemunhada e vivida numa relação de fraternidade, de justiça e de caridade. As relações fraternas que

se estabelecem entre os membros da comunidade não podem ficar pelo intimismo ou pequeno grupo, mas “gerar” vida alimentada pela Palavra e pela Eucaristia.

A paróquia será então a célula de vida cristã assente na corresponsabilidade, comunhão e colaboração.

### *2.3.2. A paróquia como serviço público e religioso*

A paróquia espelha neste modelo a imagem da sociedade, surgindo como uma “estação de serviços”, onde tudo se pode obter por direito próprio e a qualquer custo, onde se prestam serviços especializados, se administram sacramentos e, se possível, adaptados à vontade de cada um. Recorre-se à paróquia para obter declarações de “idoneidade” que se passam a paroquianos que não se conhece (não seria mais sério não exigir esta declaração quando se sabe que é passada sem critério). Vive-se uma pastoral de “oferta e procura”, onde se confunde serviços com “servir” e em que os padres e os leigos responsáveis pela ação pastoral são meros funcionários.

Verifica-se que as pessoas pedem serviços mas que recusam qualquer controlo social de tipo hierárquico, sem querer pertencer a um corpo, a um Povo, sem qualquer participação na vida eclesial. As pessoas têm direitos mas não deveres. Recorrem à paróquia apenas para o “rito” do batismo, casamento, funerais, para obter papéis (que em muitos casos são colocados nas páginas da Internet prescindindo-se o diálogo pastoral com os crentes) e que sejam celebrados no dia e hora que lhes é conveniente. Em muitos casos, a identificação com a paróquia tem apenas a dimensão social, pela prestação dos serviços nos seus centros sociais, transformando-se, em muitos casos, em paróquia de “obras”, na qual a grande prioridade é a construção e criação de centros como forma de “substituição civil”, com todos os problemas que daí advêm para a sua

manutenção. Mais preocupante é que, associado a este modelo de paróquia, está a função do pároco que muitas vezes é mais um gestor de centros sociais e de serviços, em detrimento da dimensão de anúncio e de acompanhamento espiritual do seu rebanho, que deve ser dirigido a todos os homens.

Neste modelo a participação nos sacramentos não geram comunhão e não integram no Corpo de Cristo, não havendo consciência eclesial. A este nível há ainda um longo caminho a percorrer com a preparação dos sacramentos, particularmente o do Batismo e do Matrimônio, dado que, na maior parte dos casos, é este o momento único e propício para o anúncio do Kerigma, o anúncio da Alegria do Evangelho, o despertar para uma vida “vívuda” com Cristo. Como está a ser feito? E depois o acompanhamento, em particular das famílias até à idade da catequese?

### 2.3.3. *Paróquia como célula missionária*

A atividade própria da Igreja é missionária, é o anúncio de Jesus Cristo morto e ressuscitado a todos os homens para que estes O acolham e a Ele adiram, de forma pessoal, livre e convicta, suscitando uma vida de comunhão. Alphonse Borras<sup>21</sup> alerta para o perigo de se pensar que “paróquia” e “missão” são dois termos que caminham juntos. Refere a necessidade de se distinguir as duas realidades: enquanto que Paróquia é a Igreja que em consequência da atividade missionária se constitui num lugar em que se reúne pela Palavra, evocando estabilidade, enraizamento, institucionalização e sedentariedade; a missão é a Igreja que é enviada e sai ao encontro do mundo, dos homens a quem o Evangelho não foi anunciado.

---

<sup>21</sup> Cf. BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*, p. 65-66.

Quando se fala da paróquia como célula missionária refere-se à necessidade de uma tomada de consciência da diversidade de vivências que são testemunhadas nesse “lugar”: nem todos conhecem o Evangelho e a quem urge anunciar; há um elevado número de cristãos que, por motivos diversos, vivem afastados da vida cristã; outros têm vínculos de pertença com a comunidade que passam pela prática dominical ou por um maior empenhamento e sentido de corresponsabilidade. É esta convicção de que Cristo vem ao encontro de todos que deve levar à distinção, na paróquia, de atividade pastoral, que cuida da assembleia cristã desse lugar levando ao crescimento da fé que deve ser conhecida, celebrada, vivida e rezada; e da atividade missionária que implica a formação e envio de pequenas “equipas missionárias” para o primeiro anúncio e da pregação do Kerigma.

### **3. Evangelizar: a missão da Igreja e da Paróquia**

Urge hoje uma nova evangelização, não no seu objetivo que será sempre o Anúncio de Jesus Cristo, mas nos métodos e no entusiasmo, para nos fazermos ouvir, para tornar acessível e compreensível esse anúncio. No mundo em que o homem vive insatisfeito, triste, desanimado, Deus continua a ouvir o clamor do Seu povo e é preciso proclamá-lo. E, sem medo mas com entusiasmo, criatividade, alegria, dizer a todos: Deus ama-te, Ele vem ao teu encontro, deixa-te encontrar por Ele.

A Igreja nasce da ação evangelizadora de Jesus e dos doze: “*Ide, pois, ensinai todas as gentes*”(Mt 28,19). Com a força do Espírito Santo, Jesus confere à Igreja a missão evangelizadora, que

*“comporta vários aspetos intimamente conexos entre si: ‘proclamai’(Mc 16,15), ‘fazei discípulos e ensinai’(Mt 28, 19-20), ‘sereis minhas testemunhas’*

*(At 1,8), 'batizai'(Mt 28,19), 'fazei isto em memória de mim'(Lc 22,19), 'amai-vos uns aos outros'(Jo 15,12). Anúncio, testemunho, ensinamento, sacramentos, amor ao próximo, fazer discípulos: todos estes aspetos são vias e meios para a transmissão do único Evangelho e constituem os elementos da evangelização*"<sup>22</sup>.

O anúncio do Evangelho, que engloba todas as dimensões atrás referidas, é dirigido a todos os homens, desde que nascem até que morrem, a homens e mulheres nas suas situações de vida concreta, nos diversos contextos sociais e culturais, com diferentes percursos de fé. De facto, os discípulos de Jesus têm de olhar a história humana *"nas alegrias e nas esperanças, nas tristezas e nas angústias das pessoas de hoje"*<sup>23</sup>.

Evangelizar, para a Igreja, é *"levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade: 'Eis que faço de novo todas as coisas'"*<sup>24</sup>. O acolhimento da alegria do Evangelho, na situação de vida concreta de cada homem e mulher, deve levar ao acolhimento, encontro e adesão a Jesus Cristo, suscitando neles o testemunho de Jesus Cristo e o compromisso pela justiça e a paz.

Sendo a evangelização a missão única e primária da Igreja, o mundo contemporâneo exige que se proponha Cristo de novo, como realização da esperança dos homens. João Paulo II referia a necessidade de uma nova evangelização, não no seu conteúdo mas *"nova no seu entusiasmo, nos seus métodos, na sua expressão"*<sup>25</sup>. Esta é a missão das comunidades paroquiais: evangelizar e anunciar o Evangelho a todos os homens, nas suas diversas situações e percursos de fé.

---

<sup>22</sup> DGC, nº 46.

<sup>23</sup> GS, nº 1.

<sup>24</sup> EN, nº 18.

<sup>25</sup> JOÃO PAULO II, no discurso na abertura da XIX Assembleia Plenária do Conselho Episcopal Latino Americano (Celam), Catedral de Porto Príncipe, Haiti, 9 de Março de 1983.

Penso que, na maior parte dos casos e de uma forma muito redutora, as paróquias reduziram a sua ação evangelizadora essencialmente à catequese de infância e adolescência, ou a ações pontuais de formação, e sem relação com as diferentes elementos da evangelização: Anúncio, testemunho, sacramentos, amor ao próximo, fazer discípulos.

O Papa Francisco na exortação apostólica “*Evangelii Gaudium*” indica caminhos para a evangelização, que brotam da alegria do Evangelho e “*enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus*”.<sup>26</sup>

E aqui está o cerne da questão: é que não há verdadeira Alegria sem Jesus e, por isso, a Igreja não pode deixar de O anunciar. Por isso o convite dirigido a toda a Igreja, onde ninguém pode ficar de fora, a “*uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos*”<sup>27</sup>.

Toda a exortação é convite a viver a Alegria de Cristo que renova o homem e a Igreja e que, com entusiasmo e convicção, é enviado em missão a anunciar. “*Esta é a tarefa primária da Igreja*”<sup>28</sup>.

Urge propor esta alegria, que brota do Evangelho, e proporcionar momentos de encontro para que os homens se possam encontrar com Cristo. A Evangelização não pode estar centrada na formação doutrinal, mas tem de ter a ousadia de propor espaços de oração, retiros de vida espiritual, no qual mais do que palavras se dê espaço ao silêncio e à meditação, não como fuga do mundo, mas dando lugar a que Deus possa transformar o coração de cada um e assim transformar a sua vida, tornando-o evangelizado e evangelizador. Nesta dimensão espiritual da evangelização penso que seria de (re)pensar e valorizar o sacramento da Reconciliação, muito esquecido e

---

<sup>26</sup> EG, nº 1.

<sup>27</sup> EG, nº 1.

<sup>28</sup> EG, nº 15.

desvalorizado na forma e nos tempos que se celebra (em muitos casos ainda em grandes ajuntamentos, sem preparação e tempo disponível às necessidades espirituais de cada um), o que fez com que muitos cristãos se afastassem da sua celebração; o aconselhamento e acompanhamento espiritual, que não existe na maioria das comunidades pois o tempo do pároco é absorvido pelas outras atividades paroquiais, que em muitos casos, podiam e deviam ser assumidas por outros agentes de pastoral.

## **CAPÍTULO II - A PARÓQUIA HOJE: DESAFIOS E PERSPETIVAS**

Serão as paróquias hoje sinal da presença de Deus no meio do Seu povo? Terá sentido a Paróquia? A paróquia estará “moribunda”, terá chegado ao fim a “civilização paroquial?” Ou deveremos falar de uma nova forma de paróquias, de reorganizar o “tecido” paroquial?

### **1. Análise sócio-religiosa da relação dos cristãos com a paróquia**

Um olhar mais atento sobre a relação dos cristãos com a paróquia, percebe a necessidade de uma profunda reforma e adaptação das paróquias. Cada vez há mais paroquianos indiferentes ou não crentes; muitas pessoas que se consideram crentes não praticantes e que estão afastadas do código moral e sexual da Igreja; dominam os paroquianos cristãos na idade ativa que se identificam com as tarefas paroquiais; certas categorias sociais estão longe da instituição paroquial cujos membros pertencem, maioritariamente, às classes médias, ao sexo feminino, à idade super-adulta. Deparamo-nos, nas últimas décadas, com mudanças culturais e religiosas significativas que transformaram o tempo dos homens, os seus espaços e o seu habitat: o secularismo, o pluralismo religioso, o relativismo, a grande mobilidade, novas formas de vida em redor de grandes núcleos urbanos e conseqüente desertificação dos núcleos do interior; a nova realidade das famílias; diminuição das gerações mais jovens com a preocupante quebra de natalidade e o aumento da população idosa; o trabalho que cada vez mais “absorve” as pessoas em detrimento do descanso e, em particular, da vivência do Domingo; a prevalência do “ter” e do “gozo” em detrimento do “ser”; uma nova sensibilidade centrada na experiência pessoal; dificuldade em assumir compromissos duradouros; diminuição de vocações para o ministério sacerdotal. Se é verdade que há sinais de que

o homem anda à procura da transcendência, de sentido da vida, também se constata que o Evangelho não conta na vida destas pessoas.

Neste mundo contemporâneo, onde não existem fronteiras e em que tudo muda rapidamente e o homem sente o peso da solidão, da angústia e da perda do sentido da vida, as comunidades paroquiais têm que anunciar e testemunhar Jesus Cristo como Aquele que dá sentido às suas vidas.

## **2. A realidade paroquial**

As paróquias são células vivas da Igreja e o lugar privilegiado onde a maioria dos cristãos fazem a experiência concreta de Cristo e vivem a comunhão eclesial. No entanto, a realidade é que a paróquia é na maior parte dos casos, a herança de uma instituição territorial de cristandade, onde se exerce uma ação pastoral tradicional; uma instituição massiva onde a comunicação entre os paroquianos não existe; centrada na dimensão cultural e sacramental; como instituição uniformadora em vez de unidade na diversidade; na maioria dos casos ainda uma instituição clerical. A paróquia subsiste como o lugar privilegiado do catolicismo: a celebração do sacramento do batismo, a primeira comunhão, o matrimônio, os funerais, a catequese como “escola de formação”, lugar de “prestação de serviços”, sem vida espiritual. Continua a ser a referência dos cristãos como *“a fonte da aldeia à qual todos acorrem”* mas, na maioria dos casos, não para matar a sede de Deus mas para cumprir “preceitos” e “rituais”, para obter uma série de serviços, por tradição ou rotina.

A paróquia, durante muito tempo, aparece como uma instituição pastoral imutável, muitas vezes alheia ao mundo e à sociedade. Não possui capacidade de diálogo, não transforma os valores, mantém uma fé sociológica imatura, repete sem

criatividade ritos culturais. No livro “A primeira geração incrédula”<sup>29</sup>, o autor Armando Matteo, refere que a paróquia desenvolve uma ação pastoral tradicional: é uma instituição de cristandade, onde se vive uma rotina da fé, assente na transmissão familiar que já não existe, concentrando as suas atividades principais na liturgia sacramental e nas devoções. Verifica-se uma massificação sob o signo da unanimidade. A preocupação foi durante muito tempo (e ainda é em muitos casos), manter, proteger e conservar. A paróquia administrava-se e não se construía, dirigia-se com rigor dogmático, normas canónicas, imobilismo moral e tradicionalismo pastoral, centradas no culto e nos sacramentos. O rosto de Cristo é “ocultado” e não leva à vivência da fé, verificando-se uma rutura entre fé e vida. Há uma ligação afetiva com os ritos eclesiais, mas privados de qualquer consistência de fé. A paróquia aparece assim como o local de “dar sacramentos”, ao jeito de “estação de serviço”.

A Igreja, como instituição humana e terrena, desde a sua origem foi sempre tentada a “acomodar-se” nas suas estruturas, valorizando as relações humanas e horizontais e esquecendo-se da sua dimensão divina. Desde sempre teve necessidade de se renovar e converter, na procura de uma maior fidelidade a Cristo e à própria vocação. O Papa Paulo VI, no discurso ao clero romano, em 1963, lançou o desafio para a necessidade de renovação das comunidades, como permanente conversão eclesial, ao reafirmar a grande atualidade da missão da paróquia de

*“criar a primeira comunidade do povo cristão, iniciar e reunir o povo na expressão normal da vida litúrgica, conservar e reanimar a fé nas pessoas de*

---

<sup>29</sup> Cfr. MATTEO, Armando, *A primeira Geração Incrédula – A difícil relação entre os jovens e a fé*, Ed. Paulinas, 2010, p. 7-64.

*hoje, dar-lhes a escola da doutrina salvadora de Cristo, praticar no sentir e no agir a humilde caridade das boas e fraternas obras*<sup>30</sup>.

A constatação desta realidade, que tem sido (re)afirmada e de que o Concílio Vaticano II tornou presente à Igreja, numa reflexão sobre si mesma e na sua relação com o mundo, fez com que em muitos casos, as paróquias em vez de se abrirem ao mundo numa verdadeira opção missionária, se fechassem sobre si mesmas com medo de perder ainda mais cristãos, em vez de assumir o Mundo e, como Igreja peregrina, sentir-se chamada por Cristo a ser evangelizadora e “sinal” da presença de Deus aos homens.

### **3. Para uma nova Nova paróquia**

A paróquia, como realidade histórica, teve sempre a capacidade de se remodelar, repensar e adaptar-se face às diferentes circunstâncias e contextos dos tempos e lugares. Continua a ser insubstituível porque é a face mais próxima da Igreja, mas no entanto é insuficiente. Como *“uma instituição flexível e moldável, vive, cresce, renasce, progride e ressurge de outra maneira, frustando muitas vezes os mais sombrios prognósticos”*<sup>31</sup>.

A remodelação das paróquias não pode dar prioridade à questão institucional assente numa preocupação meramente organizativa. Se é verdade que não a pode descurar deve centrá-la nos aspetos teológicos e canónicos, tomando a sério a sua catolicidade, confessada no Credo, que em cada assembleia dominical é professada e na qual se torna visível a sua identidade eclesial. E esta preocupação com a sua catolicidade exige que a paróquia dê prioridade ao testemunho do Evangelho, sem

---

<sup>30</sup> PAULO VI, Discurso ao Clero da cidade de Roma, Roma, 24 de Junho 1963.

<sup>31</sup> BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*, p. 16.

descuidar a prestação de serviços<sup>32</sup>. Assim o grande desafio que é colocado às paróquias não é manter mas (re)construir, renovar, transformar.

O Papa Francisco, na sua exortação Apostólica “Evangelii Gaudium” ao falar da necessidade inadiável de uma renovação eclesial, que inclui uma reforma das estruturas refere que

*“a paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade. Embora não seja a única instituição evangelizadora, se for capaz de se reformar e adaptar constantemente, continuará a ser a ‘própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas’”<sup>33</sup>.*

Se, por um lado, a paróquia teve e tem esta capacidade de “estar” diferente ao longo da sua história, por outro lado, ela tem aspetos comuns, ou seja, a sua entidade própria: “uma comunidade particular de fiéis, onde se exerce o ministério presbiteral em comunhão com o bispo e com a colaboração dos fiéis leigos; anuncia-se o Evangelho com a força do Espírito Santo, celebram-se os sacramentos, etc.”<sup>34</sup>. A paróquia é “*presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração*”<sup>35</sup>. Deve ser concebida como célula missionária, Igreja reunida pela Palavra e que é chamada a ir ao encontro de todos os homens: os que já aderiram a Jesus Cristo e fazem um percurso de crescimento na fé e aos que vivem afastados de Jesus Cristo, para o

---

<sup>32</sup> Cf. BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*, p. 20.

<sup>33</sup> EG, n° 28.

<sup>34</sup> BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*, p. 20.

<sup>35</sup> EG, n° 28.

anúncio alegre e jubiloso. É “*comunidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar, e centro de constante envio missionário*”<sup>36</sup>.

É tempo de responder ao convite do Papa Francisco para uma nova etapa evangelizadora marcada pela Alegria do Evangelho; de não ficarmos parados nas análises, discussões e diagnósticos, mas de dirigir o olhar para o que é essencial e que identifica a Igreja: a **pregação** ou Kerigma, na **celebração da fé**, na **comunhão** de vida e no **testemunho** que irradia, à imagem da Igreja fundante, que com convicção aderiu a Cristo, como o Senhor da Vida que dava sentido às suas vidas. É o tempo de “*uma nova oportunidade para o Evangelho*”, que converte e transforma, que convida e envia Anunciar, a uma “*Igreja em ‘saída’*”, comunidade de discípulos missionários que tomam a iniciativa de ir ao encontro dos afastados, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e que festejam<sup>37</sup>.

### *3.1. De uma pastoral de manutenção para pastoral de conversão e missionária*

A Igreja é chamada a uma pastoral de conversão, com uma “*opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem canal proporcionando mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação*”<sup>38</sup>. Esta opção, afirma ainda o Papa, exige que a pastoral seja mais comunicativa e aberta, e requer dos seus agentes e pastores “*docilidade e criatividade missionária*”<sup>39</sup>.

A renovação eclesial depende, em grande parte, da transformação paroquial, sendo este um grande repto para o futuro que corresponda às necessidades de uma ação

---

<sup>36</sup> EG, n° 28.

<sup>37</sup> Cf. EG, n° 24.

<sup>38</sup> EG, n° 27.

<sup>39</sup> EG, n° 28.

pastoral que se caracteriza cada vez mais pela grande mobilidade e por uma nova sensibilidade centrada na experiência pessoal e comunitária. Urge mudar para *“lugares nos quais se possa decidir a crer, lugares de geração de fé, lugares à medida de laboratórios da fé”*<sup>40</sup>.

É este o desafio que o Papa Francisco lança à Igreja e às paróquias: a *“uma pastoral de conversão”*, a fazermos opções capazes de transformar a vida da Igreja, a deixarmos o *“fez-se sempre assim”* e a seguirmos na fidelidade Jesus Cristo, sem medos nem receios mas com *“generosidade e coragem”*. O grande desafio colocado às paróquias é o da dinâmica missionária, como plataforma de evangelização, de renovação – transformação, na fidelidade a Jesus Cristo. Esta renovação da paróquia, implica o conhecimento da realidade das pessoas que a constituem, de forma a que o Evangelho de Jesus Cristo seja efetivamente a “Boa Notícia”, a luz para as suas vidas, e que a paróquia seja *“sobretudo a família de Deus, como uma fraternidade animada pelo espírito de unidade, e uma casa de família fraterna e acolhedora, e a comunidade de fiéis”*<sup>41</sup>.

Reafirma-se assim a necessidade de renovação missionária, eclesiológica e comunitária das comunidades paroquiais, onde todos, na diversidade dos seus dons, são chamados e enviados, assente na corresponsabilidade e na colaboração. É necessário que as paróquias sejam escolas de espiritualidade, de conversão de corações, de vidas que interpelem os outros pelo Amor. Como valorizar a dimensão missionária e de comunhão da Igreja? Como torná-las “comunidade de fiéis?”

---

<sup>40</sup> MATTEO, Armando, *A primeira Geração Incrédula*, p. 11.

<sup>41</sup> ChL, n° 26.

### 3.2. A dimensão comunitária da paróquia

O Vaticano II acentua a dimensão comunitária da Igreja, valorizando a dimensão mais ministerial e mais personalizada. A paróquia deixa de ser apenas uma circunscrição territorial, para ser entendida como uma comunidade de fé, de liturgia, de caridade, sinal da presença de Deus no mundo.

*A dimensão comunitária é intrínseca ao mistério e à realidade da Igreja que deve refletir a Santíssima Trindade. A Igreja é comunhão. As Paróquias são células vivas da Igreja e os lugares privilegiados em que a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e de sua Igreja. Portanto, deve -se cultivar a formação comunitária especialmente na paróquia”<sup>42</sup>.*

Ela é chamada à comunhão “ad intra”, fazendo de todos os seus membros não uma massa mas uma comunidade, e à comunhão “ad extra”, com a Diocese, com as outras paróquias, movimentos e com o mundo.

Partindo das reflexões apresentadas sobre a Paróquia, e no grande desafio que o Papa lança à Igreja hoje, penso que se levantam algumas questões, face à vida concreta dos cristão, que urgem respostas inovadoras.

A Igreja, mistério e sacramento de Cristo, é enviada a todos. Mas, na realidade quando falamos de comunidade de fiéis, de batizados, a quem nos referimos? Não será que, muitas vezes, a nossa atenção está dirigida apenas aos que já estão “dentro”, alimentando uma pastoral de manutenção e de tradição? É que há uma diversidade de situação das pessoas na comunidade paroquial, às quais é necessário dar atenção, de forma diversificada de acordo com as suas situações. Atrevo-me a pegar nas palavras do Papa Francisco, no que concerne à missão do Bispo, e a estendê-la a todos os cristãos, em particular aos responsáveis da comunidade. É o desafio a

---

<sup>42</sup> DA, n° 304.

*“pôr-se à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo (...), manter-se simplesmente no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa e, em certas circunstâncias, deverá caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram (...) para encontrar novas estradas”*<sup>43</sup>.

Assim será a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas, tal como fez Jesus Cristo.

Numa era de grande mobilidade das pessoas (trabalho – residência – raízes familiares), as paróquias deixaram de se identificar com as divisões administrativas, rígidas, imutáveis e ultrapassadas de uma pastoral de tradição. Sendo este aspeto organizativo necessário penso que, no entanto, a grande preocupação deveria estar centrada no anúncio e novas formas de organização e de evangelização, que passam por uma “Igreja em saída”, como refere o Papa Francisco na Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*”. Uma Igreja de proximidade, que toma a iniciativa de ir ao encontro, se “*envolve*” com todos, “*acompanha*” respeitando o percurso de cada um, procura que a Palavra anunciada dê “*frutos*”, que “*celebra*” e que “*festeja*”<sup>44</sup>. A Paróquia deverá alimentar esta proximidade de Escuta, de Palavra, de Alegria, de Festa, centrada em Jesus. Terá de ser comunidade de “*portas abertas*”, onde todos se sentem incluídos.

O grande desafio é que a Paróquia seja “*comunidade de comunidades*”. Penso que hoje em vez de falarmos de Paróquia, que se encontra conotado com a dimensão institucional, burocratizada e tradicional da Igreja, deveríamos falar de “*Comunidade de comunidades*”, inspirada na comunidade primitiva da Igreja que S. Lucas, nos Atos dos Apóstolos, propõe: “*Eles eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações*”(Act 2,42). Comunidade que vive

---

<sup>43</sup> EG, n° 31.

<sup>44</sup> EG, n° 24.

alicerçada na Palavra de Deus, partilha de experiência de vida; na Eucaristia e na oração. Mas tendo em conta a realidade de pessoas e a necessidade de não perder a identidade da Igreja, como podem as paróquias ser estas comunidades vivas, alicerçadas no Anúncio da Pessoa de Jesus Cristo, na celebração e na vida de caridade? Desenvolverei este aspeto mais à frente.

### *3.3. Para a pastoral de gestação, encontro e conversão*

Sendo as comunidades paroquiais o âmbito privilegiado da escuta da Palavra de Deus e da fração do Pão, que impelem ao testemunho evangélico, Alphonse Borras<sup>45</sup> lança o desafio para a passagem de uma *“lógica de projeto”* que passe do *“fez-se sempre assim e não há nada a fazer”* para *“isto tem que mudar”*; para uma *“pastoral de mudança”* com projeção para o futuro e não de pura gestão; de uma *“pastoral de enquadramento”* da população para satisfazer as necessidades religiosas para uma *“pastoral de gestação”* da comunidade para promover a sua missão; uma Igreja *“em saída”*, em permanente missão, no testemunho do Evangelho.

A comunidade paroquial tem de viver uma pastoral incarnada no hoje dos homens, que seja ousada e criativa no anúncio de Jesus Cristo, que vem por Amor ao seu encontro na diversidade das suas situações e vivências. Mais do que uma estrutura territorial a paróquia tem de *“ter alma”*, ser anúncio e testemunha de Vida em Jesus Cristo, e encontrar espaços e propostas que ajudem os cristãos a uma personalização da fé, isto é, levar cada cristão à adesão pessoal a Jesus Cristo comprometendo-se com Ele na sua vida concreta. Este processo de crescimento na fé tem de ser feito em pequenos grupos, *“comunidade de comunidades”* e não numa Igreja de massas, com a qual a maioria não se identifica e da qual vivem afastados.

---

<sup>45</sup> Cf. ALPHONSE BORRAS, GILLES ROUTHIER, *A Nova Paróquia*, p. 123.

Isto implica a passagem de uma pastoral de “*crisandade*” para uma pastoral de “*gestação*” que se desenvolve “*num meio comunitário onde as pessoas alimentam entre si as relações de proximidade*”<sup>46</sup> e, à imagem da Igreja, Corpo de Cristo (cf Rm 14, 17-19), se tornam “*membros uns dos outros*” pondo ao serviço de todos os seus dons, recebidos do Espírito Santo. É fundamental a experiência de verdadeiras relações de reciprocidade.

Desta forma, a Paróquia, que não poderá deixar de lado os aspetos organizativos e institucionais, desenvolverá células eclesiais à medida humana que promovam a vivência de estima recíproca e afeto, relações de qualidade inspiradas no Evangelho.

A paróquia, que vive uma pastoral de gestação e como célula missionária, afasta-se assim do modelo moribundo de uma paróquia prestadora de serviços, assente num modelo organizativo e institucional que procura apenas oferecer uma doutrina, uma mensagem ou uma prática sacramental para fazer cada um chegar à sua identidade própria e vela para que cada indivíduo seja coerente consigo próprio nas decisões que toma. Neste processo de gerar consciências, de discernimento, o anúncio da Palavra de Deus tem de ser a prioridade, o caminho a seguir, pois “*abrir-lhes o caminho da Palavra é oferecer-lhes uma nova oportunidade de se deixar gerar por Deus para a sua própria vida*”<sup>47</sup>.

A Igreja surge não como uma instituição detentora de uma verdade sem partilha mas que procura, na escuta, os sinais da sua própria identidade e da sua própria missão, e que reúne, a cada momento, como Mãe, os homens em nome de Jesus Cristo.

---

<sup>46</sup> BACQ, Philippe; THEOBALD, Cristoph, *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, Paulinas Editora, 2013, p. 22.

<sup>47</sup> BACQ, Philippe; THEOBALD, Cristoph, *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, p. 27.

Às paróquias é colocado o desafio a *“uma nova etapa evangelizadora marcada pela Alegria do Evangelho”*<sup>48</sup>. Num tempo em que o homem está fragilizado pelas suas opções de vida e vive momentos de tristeza e desencanto, é importante propor o Evangelho, como a Boa e Alegre Notícia, e refundar toda a pastoral na Palavra, voltar ao modelo evangélico de Jesus: a Palavra, que gera o encontro e a adesão consciente, livre e comprometida, que leva à conversão e à vida.

Comungo da convicção de que só a Palavra de Deus, em particular o Evangelho, pode abrir a “porta da fé” porque nos leva ao encontro de Jesus Cristo, que ilumina e gera consciência, que leva ao encontro com o próprio, com os outros e com o Outro, e que transforma e leva à vida autêntica. O encontro com Jesus Cristo, a partir do Evangelho, gera uma pastoral de encontro. É que a pastoralidade manifesta-se no momento em que o Evangelho nasce naquele que o recebe, descobrindo com alegria que Deus o ama, trabalhava nele, antes ainda de ele o ter escutado e ter exprimido a sua fé.

A resposta de fé exige, da parte do homem, encontro e acolhimento; escuta e descoberta; resposta e decisão; comunhão e empenho, compromisso e testemunho. Como fazer, perante situações e percursos de fé tão diversos por parte dos cristãos da comunidade?

#### *3.4. Propostas de ação pastoral para diversos percursos de fé nas comunidades paroquiais*

Na missão de anunciar Jesus Cristo a Igreja não pode excluir ninguém, isto é, deve desafiar e interpelar todos, atraindo-os a Cristo, nos diversos âmbitos e percursos de fé em que se encontram. Ao referir-se à *“nova Evangelização para a transmissão da*

---

<sup>48</sup> EG, n° 1

*fé*” o Papa Francisco, na exortação apostólica “*Evangelii Gaudium*” refere-se a alguns âmbitos<sup>49</sup>, que aqui agrupo em três, com prioridades e propostas concretas a considerar na ação pastoral das comunidades paroquiais.

#### **3.4.1. Os que se encontram afastados da comunidade paroquial**

Neste âmbito associo três grupos específicos, pela situação de indiferença ou até rutura, com a comunidade,

a) Os que, sendo batizados, não se identificam com as paróquias e afastam-se totalmente da Igreja, não vivendo as exigências do Batismo;

b) Os que procuram a paróquia apenas como “*prestadora de serviços*”, afastando-se dela logo que têm o seu objetivo alcançado, recusando qualquer identificação ou relação com esta;

c) Os que conservam e testemunham uma fé intensa e sincera, mas que não participam no culto, ou porque não se identificam com a comunidade ou pastor ou pela sua situação de vida que os impede de participar na Eucaristia (divorciados e recasados) e os leva a esse afastamento.

As comunidades paroquiais, conscientes destas situações, deverão ter como objetivos:

\* Recuperar a identidade da Igreja, tal como a formulou o Papa Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*, referindo que a identidade da Igreja é evangelizar<sup>50</sup>.

\* Colocar a missão em primeiro plano inventando novas formas de anúncio do Evangelho que cultivem um clima de fraternidade, de esperança e de alegria, de forma a

---

<sup>49</sup> Cf. EG, n° 14.

<sup>50</sup> Cf. EN, N° 14.

que “a Alegria do Evangelho encha o coração e a vida inteira daqueles que se encontram de Jesus”<sup>51</sup> e que “transforme e abra o coração humano, tantas vezes indiferente ao mistério de Deus, à presença de Jesus e à ação da Igreja”<sup>52</sup>.

\* Assegurar a proximidade, tornando-se próxima do outro, criando condições para ir ter com e não esperar que venham ao seu encontro, proporcionando espaços de acolhimento mútuo, de diálogo e partilha, que estabeleçam relações diretas. Preparar lugares diferentes, fora do seu “edifício”, indo ao encontro das pessoas de hoje nos seus diferentes caminhos e processos. Não é mais do que levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos, diversificando os lugares de presença da Igreja, não se limitando apenas ao espaço da paróquia.

\* Testemunhar uma Igreja mais aberta e em “saída”, que valorize mais a sua dimensão carismática e ministerial do que organizativa e administrativa.

Estas situações, que não devem ser ignoradas, são um desafio a uma maior proximidade da paróquia com os seus fiéis, valorizando-se o diálogo e reforçando os vínculos, à luz do Evangelho, que poderá passar pela:

- criação de pequenos grupos de missão que reúnam em casas particulares, assente na partilha da Palavra de Deus como proposta da vida para a vida (Lectio Divina). Em pequeno grupo, proporcionando relações fraternas e de proximidade, relêem juntos a sua vida, à luz do Evangelho, e fazem a experiência de Igreja, de partilha e comunhão. Estes espaços deverão proporcionar o verdadeiro encontro com Jesus, na Alegria do Evangelho, que se torna o motor e gerador de uma novo estilo de vida, que é de tal modo transformante, que os leva de evangelizados a evangelizadores.

---

<sup>51</sup> EG, nº 1.

<sup>52</sup> Dom António Francisco, Bispo do Porto, Mensagem de abertura da proposta de caminhada para uma Quaresma com Páscoa - “Abre a tua porta à alegria do Evangelho”, Porto, 28 de Janeiro 2015.

Não com grandes palavras, mas pelo testemunho de quem se deixou encontrar por Jesus Cristo e que vive uma espiritualidade encarnada nas suas realidades concretas.

- Formação de grupos no qual as pessoas partilhem de *“interesses comuns”*, como sendo a família, o trabalho, a doutrina social da Igreja, que constitui uma riqueza da Igreja, ignorada pela grande maioria dos cristãos. Desta forma a paróquia vai ao encontro das pessoas nos seus diferentes interesses, caminhos e processos.

- Uma nova forma de evangelizar, de pessoa a pessoa, que

*“nos compete a todos como tarefa diária: é cada um levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos. É a pregação informal que se pode realizar durante uma conversa, e é também a que realiza um missionário quando visita um lar”*<sup>53</sup>.

Esta pastoral, de espiritualidade missionária, exige uma nova consciência de que todos somos evangelizadores, desde crianças a idosos, centrados no essencial que é o anúncio da Alegria do Evangelho, que é feito pela proximidade, na palavra amiga, nos pequenos gestos de atenção e de amor às pessoas com quem nos encontramos; pela criação de pequenos grupos de evangelizadores que percorram as ruas, à imagem de Jesus, indo ao encontro do outro, apenas com a Palavra de Jesus e o seu testemunho. Esta nova consciência de “evangelizador”, que tem como referência o mandato de Jesus: *“Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado”* (Mt 28, 19-20), implica uma espiritualidade forte em que o Evangelho seja a matriz, o ADN, do evangelizador.

- Celebração dos momentos fortes da Igreja, como testemunho da alegria de ser de Cristo, que alimentem e valorizem os laços comunitários. Estes momentos deverão ser

---

<sup>53</sup> EG, n° 127.

celebrados numa dinâmica de “saída” indo ao encontro e envolvendo todas as pessoas, partilhando e testemunhando a alegria e a beleza da fé.

- Valorização da religiosidade popular, muito radicada e valorizada nas comunidades e que atrai muita gente com motivações muito diversas, como desafio a uma nova evangelização, anúncio da Boa Nova de Cristo. A este respeito, João Paulo II referia que

*“a piedade popular não pode ser ignorada nem tratada com indiferença ou desprezo, pois é rica de valores e, já por si, exprime atitude religiosa perante Deus. Mas precisa de ser constantemente evangelizada para que a fé que exprime seja um ato cada vez mais maduro e autêntico”*<sup>54</sup>.

Assim, com prudência e paciência, é necessário purificar esta expressão de religiosidade, valorizando-se a catequese e a liturgia nestas celebrações. Todas as comunidades têm as suas expressões de religiosidade popular, como as festas dos padroeiros e outros santos, havendo muito cuidado e preocupação na sua celebração, com as procissões e animação “profana”, e não com uma verdadeira preparação e evangelização. Porque não incluir também nos seus programas momentos de reflexão e catequese, de diversas celebrações, concertos de música litúrgica, de modo que estas *“piedosas práticas sejam ordenadas de modo a se harmonizarem com a Sagrada Liturgia, se inspirem nela e a ela levem”*<sup>55</sup>.

- Valorização da dimensão social da evangelização, cujo centro é a caridade, o Amor a Deus e ao próximo. Assim, *“cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres; isto supõe estarem docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo”*<sup>56</sup>. A

---

<sup>54</sup> VQA, nº 18.

<sup>55</sup> VQA, nº 13.

<sup>56</sup> EG, nº 187.

preocupação com os mais pobres, os sós e esquecidos; os que vivem oprimidos e foram excluídos da sociedade; com as questões laborais onde os direitos ao trabalho e ao trabalhador são cada vez mais postos em causa, é responsabilidade de todo o cristão. Esta dimensão não pode ser missão apenas de um grupo, como por exemplo as conferências vicentinas, mas de todos. Os cristão da comunidade têm de ter consciência de que *“uma fé autêntica – que nunca é cómoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela”*<sup>57</sup>. É importante que esta tomada de consciência seja de todos e que conscientes destas novas “periferias”, haja uma responsabilização e compromisso repartido por todos os cristãos da comunidade.

A experiência destes crentes que, por motivos diversos, se encontram afastados da comunidade, deve ajudar e despertar a inserção na comunidade paroquial: espaço de escuta da Palavra e da fração do Pão, sinal dominical pois *“dizer paróquia é dizer Domingo”*<sup>58</sup>. No entanto há que respeitar o percurso de cada um, o que exige paciência e persistência.

Este dinamismo pressupõe animadores, verdadeiros companheiros na fé que sejam testemunhas e que ajudem a despertar a proximidade com Deus, o ser cristão.

#### *3.4.2. Os que têm vivência comunitária mas que não se comprometem ativamente na paróquia*

O Papa Francisco refere ainda alguns fiéis com vivência dominical mas não identidade comunitária ou os que frequentam regularmente a comunidade reunindo-se ao Domingo para se alimentarem da mesa da Palavra e da Eucaristia, mas que não

---

<sup>57</sup> EG, nº 183.

<sup>58</sup> BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*, p. 117.

pretendem qualquer compromisso ativo na comunidade<sup>59</sup>. Neste âmbito estamos perante cristãos que valorizam a celebração da Eucaristia mas não têm identidade comunitária. Assim uns optam por celebrá-la noutra paróquia com que se identificam ou é-lhes indiferente a comunidade onde a celebram; outros que apesar de celebrarem o sacramento da Eucaristia na comunidade, não pretendem comprometer-se com ela, ou por falta de tempo ou porque não querem assumir responsabilidades.

Muitos procuram celebrar a Eucaristia numa paróquia que não a sua, ou por identificação ao Padre (afinidade, porque leva menos tempo, porque gostam da maneira como celebra, ...) ou porque têm um grupo coral que canta muito bem, ou porque gostam da Igreja, mas não como o momento alto da sua “identidade cristã”, celebrada e vivida em Igreja, como mistério de comunhão. Não têm qualquer identificação comunitária e, em muitos casos, até o fazem para não se responsabilizarem e não assumirem um lugar ativo, como “pedra viva” na Igreja.

Muitos outros celebram a Eucaristia na paróquia onde residem, mais como “preceito” do que “ação de graças”; outros vivem o Sacramento como encontro com Jesus Cristo na Palavra e na Eucaristia, mas não se identificam como um povo que vive da fé e cuja unidade é o próprio Cristo. Celebrar a fé, na Eucaristia Dominical, não é suficiente para formar a coesão da paróquia, pois a sua grande maioria não faz a “experiência pessoal” de Igreja, como corpo de Cristo, de comunhão. A única identificação com a paróquia é apenas a celebração da fé.

A Eucaristia é a raiz, o centro da própria comunidade cristã, congrega os cristãos da comunidade como a família que se senta à “mesa do Corpo de Cristo”, para poder celebrar o mistério da morte e ressurreição de Jesus. Como fonte e vértice de toda a vida cristã este é sem dúvida o acontecimento central da vida da comunidade. Como tal é

---

<sup>59</sup> E.G, nº 14.

importante que os cristãos da comunidade tenham consciência de si como membros de um “Corpo” que se alimenta de Cristo, raiz da unidade da Igreja e de uma fé que deve ser conhecida, celebrada, mas também rezada e vivida sempre em comunhão.

A Eucaristia na comunidade paroquial traz à luz o caráter específico da reunião de cada domingo, que estrutura a vida das comunidades. Os homens e mulheres que se reúnem na paróquia não se escolheram entre si. Deus escolheu-os pelo seu batismo. Encontram-se ligados pela proximidade física e concreta da existência. São “próximos” em razão das necessidades quotidianas das suas condições de vida. Devem tornar-se “próximos” uns dos outros (cf. Lucas 10, 36-37). Respondendo à questão: porquê participar na Eucaristia da paróquia?, o cardeal Jean-Marie Lustiger refere que

*“A missa é sempre missa, sem dúvida. Mas a comunidade que a celebra não deixa de ter o seu significado. A missa do domingo é um ato público da Igreja. Esta reúne-se à volta do seu bispo e dos sacerdotes que presidem na sua missão de acolher todos os fiéis. Em cada domingo, todas as ‘Igrejas particulares’ tornam visível a unidade católica do povo de Deus. Cada paróquia celebra a Eucaristia em comunhão com o seu bispo e o Papa. O bispo é o servidor e o garante dessa comunhão católica aberta a todos os povos e a todos os homens”*<sup>60</sup>

Para ajudar a esta consciência comunitária, é necessário:

- Cuidar do acolhimento das pessoas

Numa sociedade que se encontra ferida pelo anonimato é muito importante que todos se sintam acolhidos, estimados e reconhecidos. Se houver a preocupação que todos se conheçam, que passa por uma palavra de boas-vindas dirigida àqueles que vêm de novo ou de preocupação manifestada com os que têm estado ausentes, estes irão

---

<sup>60</sup> LUSTIGER, Jean-Marie, *A Missa*, Braga: Apostolado da oração, Braga, 2004, p. 9.

sentir-se como membros de uma família, onde a sua presença é valorizada. Assim “os ministros ordenados e os outros agentes de pastoral podem tornar presente a fragância da presença solidária de Jesus e o seu olhar pessoal”<sup>61</sup>, em que cada um seja reconhecido, estimado e amado. O Papa Francisco valoriza este acompanhamento pessoal e convida a “dar ao nosso caminhar um ritmo salutar de proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã”<sup>62</sup>.

- Cuidar das celebrações litúrgicas, de forma a que a Eucaristia, seja a mesa festiva da Palavra de Deus e do Corpo do Senhor

- É importante que o espaço seja acolhedor e onde todos se sintam bem à mesa; que toda a assembleia possa ver e contemplar tudo o que decorre na celebração; que possam escutar bem; que o espaço seja belo para poder acolher a Beleza de Jesus, na Palavra e no Corpo de Jesus, sem distrair mas ajudar a acolher o mistério; que os paramentos estejam cuidados com dignidade e beleza; que os objetos utilizados na Eucaristia sejam dignos da sua função, etc...

- a Liturgia da Palavra: que a Palavra seja bem proclamada, o que implica leitores bem preparados não apenas na sua dicção mas na interiorização e comunicação da Palavra de Deus, favorecendo “o diálogo de Deus com o seu povo, no qual se proclama as maravilhas da salvação e se propõem as exigências da Aliança”<sup>63</sup>. Por vezes as monições às diversas leituras são tão longas e complexas que descentram a atenção do que é essencial, que é a Palavra de Deus.

- A homilia: O Papa Francisco, refere que a “homilia é o ponto de comparação para avaliar a proximidade e a capacidade de encontro de um Pastor com o seu

---

<sup>61</sup> EG, n° 169.

<sup>62</sup> EG, n° 169.

<sup>63</sup> EG, n° 137.

*povo*”<sup>64</sup>. E, sem dúvida, essa capacidade de encontro proporcionará ou não, o diálogo e o encontro com Jesus Cristo, levará ou não a Palavra de Jesus aos corações dos homens, a dar fruto. De uma forma muito prática o Papa refere que a homilia deve ser breve, evitando parecer-se com uma conferência, porque só assim poderá orientar a assembleia e o pregador para uma comunhão com Cristo na Eucaristia, que transforme a vida e para que o Senhor brilhe mais do que o ministro<sup>65</sup>.

- A forma como o ministro celebra. O facto de os sacerdotes serem párocos de várias comunidades faz com que as celebrações se tornem rotinas, apressadas e pouco cuidadas. Muitas vezes mais parece um “recado”, um “preceito”, onde o silêncio e o tempo de meditação não existe, a calma na proclamação em particular da Oração Eucarística não permite entrar em comunhão com o mistério da Morte e ressurreição de Jesus. Mais preocupante é o facto de que, muitas vezes, os párocos nem têm consciência disto ou se o têm, não podem fazer muito mais. Se é verdade que estas Eucaristias são procuradas por muitos cristãos, por serem rápidas, também é verdade que não enriquece em nada e “esvazia” o Sacramento do seu sentido e riqueza, fazendo com que aqueles que valorizam a Eucaristia como o centro da sua vida cristã, se afastem da comunidade. A este nível penso que seria de (re)pensar e (re)formular o número de celebrações eucarísticas em cada comunidade que, em muitos casos, são pouco participadas.

- O cuidado no Canto de toda a Liturgia. O Canto ajuda a elevar a oração a Deus e não a distrair, ou porque mal cantado ou, o que acontece em alguns casos, por ser mais espetáculo sem envolver a assembleia.

Mas a celebração para ser vivida também tem de ser percebida. Toda a Liturgia Eucarística é rica nas palavras, nos gestos, nos símbolos. Eles falam por si mas têm de

---

<sup>64</sup> EG, n° 135.

<sup>65</sup> EG, n° 138.

ser entendidos. Há que encontrar formas de conduzir os fiéis para dentro do Mistério de Deus, que na minha opinião não pode ser na Eucaristia, mas que pode passar por catequeses mistagógicas ou pela entrega à assembleia, no final das Eucaristias, de folhas com as devidas catequeses.

A Celebração da Eucaristia, na qual os cristãos participam e comungam do Corpo e Sangue de Jesus, tem de ter consequências na vida dos cristãos. É importante que todos sejam interpelados à vivência e ao testemunho de vida, respondendo à Palavra de Deus proclamada e à vida de comunhão com Cristo. A ligação da Eucaristia com a vida não tem sido muito valorizada e é importante que toda a assembleia seja provocada a viver uma espiritualidade alimentada na Eucaristia e encarnada na vida concreta do dia a dia.

- Procurar a integração progressiva na vida da comunidade

Quando as pessoas se sentem bem acolhidas na comunidade, em que as redes de informação e comunicação estão estabelecidas, as relações são fraternas e alegres, a liturgia comunica a Beleza de Deus e leva ao encontro pessoal com Ele, em que há diversidade de propostas de crescimento na fé, estão abertas as portas à vivência comunitária. Mas este tem de ser um trabalho constante de acompanhamento porque, em tempos de individualismo, as pessoas, após o entusiasmo, facilmente desistem da vida comunitária.

#### *3.4.3. Um pequeno grupo muito ativo, com formação e sentido de corresponsabilidade na Igreja*

Era importante que este grupo, com vocação missionária e que põem os seus dons ao serviço da comunidade, mais do que desempenhar “tarefas” na Igreja, procurasse

assegurar a proximidade da paróquia às pessoas, preocupando-se cada vez mais com o despertar da fé e a sua educação, promovendo a transformação missionária da paróquia. Na realidade verifica-se que muitos dos agentes pastorais não se identificam com este grupo pois se encontram acomodados ao exercício de “tarefas” de rotina, sem se preocuparem com a sua formação e crescimento na fé, sem espírito de comunhão e participação na vida da comunidade, sem sentido de missão. O Papa Francisco, ao referir-se aos agentes pastorais, faz o seguinte diagnóstico:

*“hoje nota-se em muitos agentes pastorais, mesmo pessoas consagradas, uma preocupação exarcebada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade. Ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização”<sup>66</sup>.*

Menciona três males que permanecem em muitos agentes pastorais, *“uma acentuação do individualismo, uma crise de identidade e um declínio do fervor”<sup>67</sup>.*

Precisamos de agentes pastorais “apaixonados” e convencidos da Alegria do Evangelho porque só com convicção, com ardor, alegria e ousadia é possível responder ao desafio de uma espiritualidade missionária.

Para que tal aconteça as comunidades paroquiais têm de

*“criar espaços apropriados para motivar e sanar os agentes pastorais, lugares onde regenerar a sua fé em Jesus crucificado e ressuscitado, onde compartilhar as próprias questões mais profundas e as preocupações quotidianas, onde discernir em profundidade e com critérios evangélicos sobre*

---

<sup>66</sup> EG, n° 78.

<sup>67</sup> EG, n° 78.

*a própria existência e experiência, com o objetivo de orientar para o bem e a beleza as próprias opções individuais e sociais*”<sup>68</sup>.

Espaços comunitários que ajudem a suprir o individualismo e o relativismo, verdadeiros “laboratórios” de crescimento da fé em todas as suas dimensões: conhecida, celebrada, vivida, rezada e testemunhada.

Para que este pequeno grupo ativo possa viver esta espiritualidade de gestação, encontro, conversão e missionária, é necessário que as paróquias promovam a partilha e comunhão entre todos os elementos dos grupos, não para a coordenação da ação pastoral, mas para que possam alimentar e viver a sua fé e se sintam corresponsáveis na missão de anunciar Jesus Cristo. A paróquia deve criar espaços para que estes grupos, iluminados pela riqueza inesgotável do Evangelho, possam experienciar a leitura orante da Bíblia (lectio divina); adoração ao Santíssimo Sacramento, na qual, em gesto de humildade, reconhecem Deus presente no Corpo e Sangue de Jesus, a sua força e o garante da comunhão entre os irmãos; encontros de oração, “*onde sejam capazes de escutar a voz do Senhor da Igreja nos diferentes momentos históricos*”<sup>69</sup>; partilha e de formação; espaços de festa onde se promova o diálogo e a comunhão. Numa pastoral de conversão e missionária compete à comunidade Paroquial, a “*Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas*”<sup>70</sup>, o testemunho do Evangelho e a prestação de serviços. Implica um espaço onde se criem relações de partilha e solidariedade, de escuta e de diálogo, de celebração da fé, de celebração dos Sacramentos, mas que não se feche sobre si mesma, preocupada apenas com as questões organizativas e institucionais, e se sinta enviada a todos os fiéis, nas suas situações concretas. Este pequeno grupo é para muitos o rosto mais próximo da Igreja.

---

<sup>68</sup> EG, n° 77.

<sup>69</sup> RAHNER, Karl, *Espiritualidad antigua y actual*. Escritos de teologia, 2,5.Madrid.

<sup>70</sup> ChL, n° 26.

O acompanhamento e formação deste pequeno grupo, que é reduzido a nível das comunidades paroquiais, seria mais enriquecedor e frutuoso, se assegurado a nível inter-paroquial ou mesmo vicarial.

#### **4. A Catequese**

A catequese está inserida na ação evangelizadora da Igreja e deve ser considerada como momento prioritário da evangelização, pois o crescimento interior da Igreja, a sua correspondência aos desígnios de Deus, depende essencialmente da catequese<sup>71</sup>. A Igreja, animada pelo Espírito Santo, conserva no seu coração, anuncia, celebra, vive e transmite o Evangelho através da catequese.

Quando se fala em catequese o nosso pensamento dirige-se logo para a infância e adolescência. A ação evangelizadora da Igreja deixou-se limitar a este espaço etário sendo até “estranho” falar em catequese de adultos ou de jovens, substituindo-se até o termo “catequese” por “grupos” ou outros mais apelativos. A catequese esteve e ainda está, na maior parte dos casos, centrada na dimensão de “ensino” de verdades e não anúncio de uma pessoa: Jesus Cristo.

João Paulo II exorta a Igreja a valorizar e a dar importância à catequese, ao referir que

*“a Igreja, é convidada por Deus e pelos acontecimentos, que também são apelos de Deus, a renovar a sua confiança na atividade catequética, como tarefa primordial da sua missão. É convidada a consagrar à catequese os seus melhores recursos de pessoal e de energias, sem poupar esforços, trabalhos e meios materiais, para a organizar melhor e formar para ela, pessoas qualificadas. Nisto não há que ater-se a cálculos puramente humanos, mas tem*

---

<sup>71</sup> Cf. DGC, n° 63.

*de haver uma atitude de fé. E uma atitude de fé refere-se sempre à fidelidade de Deus, que não deixa nunca de corresponder”<sup>72</sup>.*

Se é verdade que a catequese tem sido uma das ações eclesiais mais relevantes, à qual a Igreja tem consagrado um grande esforço e entusiasmo, procurando dar

*“origem a um modelo de cristão verdadeiramente consciente da sua fé e da coerência entre a fé e vida, favorecendo nos cristãos uma nova experiência vital de Deus, como Pai misericordioso; uma redescoberta mais profunda de Jesus Cristo, não apenas na sua divindade, mas também na sua verdadeira humanidade; a convicção crescente da corresponsabilidade de todos pela missão da Igreja no mundo; a tomada de consciência das exigências sociais da fé”<sup>73</sup>,*

também é verdade que este caminho tem sido muito lento e não é transversal a todos.

A catequese reduz-se, em muitos casos, a um simples ensino sistematizado da história da salvação, para o qual os catequistas muitas vezes não estão devidamente preparados. É necessária uma formação cristã integral, nas suas várias dimensões e já referidas anteriormente. Por outro lado, a sua ação enferma pelo facto de partir do pressuposto de que já houve um “primeiro anúncio”, que as crianças nascem e crescem num ambiente de fé cristã, em que Jesus Cristo foi anunciado, onde a fé é conhecida, celebrada, vivida e rezada, o que não corresponde à realidade. Constatam-se que muitas crianças nunca contactaram com o religioso e muito menos com a fé como descoberta da Pessoa de Jesus Cristo; nunca entraram numa Igreja; não foram iniciadas na oração, não sabem fazer o sinal da cruz ou não sabem o seu significado. O Papa Francisco refere-se a esta situação como as “periferias que lhe fazem doer” e a quem somos

---

<sup>72</sup> CT, nº 15.

<sup>73</sup> DGC, nº 24.

desafiados anunciar<sup>74</sup>. Assente num modelo escolar, a catequese não valoriza os tempos fortes da Igreja, desvalorizando a celebração da fé na Eucaristia de Domingo (as crianças frequentam a catequese mas não celebram a Eucaristia de Domingo), do tempo de Natal e da Páscoa, onde normalmente, à semelhança da escola são férias de catequese. A celebração dos sacramentos da Eucaristia, como primeira e última comunhão, tornou-se a meta da catequese e não a fonte e cume da vida cristã. Em número muito mais reduzido surge o sacramento da Confirmação, que é tido como fim da catequese. Este sacramento não é vivido como confirmação da fé que querem viver e testemunhar na sua vida, mas para obter um documento que lhes permitirá ser padrinhos de batismo. Celebram-se assim, em grande número, ritos e não sacramentos da fé.

A falta de compromisso dos pais em todo o itinerário catequético e, em particular, na celebração da fé com os seus filhos, faz com que as crianças e adolescentes terminado esse mesmo itinerário, se afastem da Igreja e da paróquia. Seria no entanto injusto não referir que há famílias que, comprometidas na fé e como “Igreja doméstica”, fazem da sua família “uma casa para a alegria do Evangelho” e que pedem à Igreja o acompanhamento dos seus filhos no crescimento da fé.

As dificuldades referidas não devem contudo apresentar-se como condenação, desânimo e apatia mas sim como um desafio que deve ser assumido com coragem, alegria e entusiasmo. À semelhança da necessidade de renovar e transformar as paróquias, há que (re)pensar a catequese: os seus objetivos, os seus conteúdos, os seus métodos, os seus itinerários, os seus agentes.

---

<sup>74</sup> Cf. PAPA FRANCISCO, Discurso aos Catequistas vindos a Roma em peregrinação por ocasião do Ano da Fé e do congresso internacional de catequistas, Roma, 27.09.2013.

#### *4.1. A catequese como encontro, comunhão e intimidade com Jesus Cristo*

Porque não nascemos cristãos e, na maioria dos casos, em ambientes cristãos, e não nos fazemos cristãos de um momento para o outro mas sim de uma forma gradual e progressiva, as comunidades têm de “repensar” a catequese e assumi-la como pre

ocupação mais abrangente de processo de “iniciação cristã”, de introdução gradual e progressiva no mistério de Cristo e da Igreja, acompanhada pela fé pessoal e adulta, esclarecida e convicta, dirigida a todas as pessoas nos seus diversos itinerários de fé e nas várias fases etárias<sup>75</sup>.

O objetivo da catequese é levar cada catequizando não só a um contacto, mas a uma comunhão e intimidade com Jesus Cristo. Pela sua própria natureza,

*"a comunhão com Jesus Cristo impulsiona o discípulo a unir-se a tudo aquilo a que o mesmo Jesus Cristo se sentiu profundamente unido: a Deus seu Pai, que o enviara ao mundo; ao Espírito Santo, que lhe dava força para a missão; à Igreja, Seu corpo, pela qual Se entregou; e a toda a humanidade, e a seus irmãos, cuja sorte quis partilhar"*<sup>76</sup>.

O Papa Bento XVI, no discurso aos Bispos em Fátima, ao falar da importância da iniciação cristã dizia que *“trata-se de oferecer a todos os fiéis uma iniciação cristã exigente e atrativa, comunicadora da integridade da fé e da espiritualidade radicada no Evangelho, formadora de agentes livres no meio da vida pública”*<sup>77</sup>. A catequese tem de propor o Evangelho que leva ao encontro com Jesus Cristo, à mudança de vida, ao compromisso, à comunhão, ao testemunho.

---

<sup>75</sup> Cf. Pastoral Catequética – *desafios pastorais de uma nova cultura*, Revista de catequese e educação, Janeiro-Abril 2005, p. 5.

<sup>76</sup> DGC, nº 81.

<sup>77</sup> PAPA BENTO XVI, Discurso aos Bispos de Portugal, Fátima, 13 Maio 2010.

As realidades das crianças que frequentam a catequese paroquial são hoje muito diversas, como referi anteriormente. Desde as que não são batizadas; às crianças cujos pais pedem a catequese apenas como simples tradição sem implicar qualquer envolvimento e participação da sua parte, resumindo-se a catequese à “hora” semanal; aos que assumem responsavelmente a sua missão de educadores na fé e pedem à Igreja que os ajude nessa missão. Na maioria dos casos a catequese paroquial está ligada apenas à preparação dos sacramentos, cuja celebração se reduz a um “momento específico” e não a uma fé viva que, como tal, tem de ser celebrada. Não é por acaso que um elevado número de crianças celebram a primeira Eucaristia sem nunca terem participado nesta celebração da fé em comunidade e nunca mais celebram este mistério da presença de Jesus na Eucaristia. Como se valoriza nas catequese a celebração do sacramento da Reconciliação? Não estará este “esquecido” e desvalorizado e apenas associado ao sacramento da Eucaristia e Confirmação? O importante é a celebração da “festa da catequese” de acordo com o ano que a criança frequenta, que se esvaziou da sua dimensão litúrgica para ser mais um “rito” e muitas vezes um “fim”.

A conferência episcopal portuguesa, nas suas orientações para a catequese atual, convida-nos a tomar consciência e refletir sobre estas questões:

*“estaremos a formar discípulos se, após dez anos de catequese, não estão esclarecidos sobre os elementos fundamentais do cristianismo, não têm contato habitual com a fonte da vida que é a Eucaristia, não mostram prática da oração, nem necessidade de escutar a Palavra da vida?”<sup>78</sup>.*

Ao falarmos em catequese paroquial penso que é fundamental distinguirmos, na comunidade paroquial, os diferentes percursos das crianças e famílias que procuram a catequese.

---

<sup>78</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *para que acreditem e tenham vida – orientações para a catequese atual*. 2005, Gráfica de Coimbra, p. 5.

#### 4.1.1. A catequese familiar

Entre o batismo das crianças e a sua iniciação na catequese paroquial, aos seis anos, há um espaço de tempo que é fundamental no primeiro anúncio e no testemunho da fé e que deve ser realizado na família, “Igreja doméstica”. Verifica-se, no entanto, que é a fase em que os pais mais se afastam da Igreja, procurando-a mais tarde quando os filhos se iniciam na catequese paroquial.

Pela força do ministério da educação, os pais, mediante o testemunho de vida, são os primeiros arautos do evangelho, junto dos filhos<sup>79</sup>. Rezando com os filhos, dedicando-se com eles à leitura da Palavra de Deus e inserindo-os na Igreja e na Eucaristia, tornam-se plenamente pais, não apenas na ordem biológica, mas na dimensão espiritual. “A catequese familiar é fundamental pois precede, acompanha e enriquece as outras formas de ensinamento da fé”<sup>80</sup>.

O IV encontro mundial das famílias, preparatório do sínodo dos Bispos sobre os “desafios pastorais da família no contexto da evangelização” lançou um desafio a que as famílias colocassem Deus no centro das suas vidas ao referir que

*“a verdadeira educação cristã dos filhos não se limita a incluir a Deus entre as coisas importantes dos filhos, mas também situa Deus no centro dessa vida, de forma que todas as outras atividades e realidades (a inteligência, o sentimento, a liberdade, o trabalho, o descanso, a dor, a doença, as alegrias, os bens materiais, a cultura, numa palavra: tudo esteja modelado e regidas pelo amor de Deus. (...) Esta educação na centralidade do amor a Deus é realizada pelos pais sobretudo através das realidades da vida diária: rezando em família nas refeições, estimulando a gratidão a Deus pelos dons recebidos, recorrendo a Ele nos momentos de dor em qualquer uma das suas formas, participando na*

---

<sup>79</sup> Cf. LG, n° 11.

<sup>80</sup> CIC, n° 2226.

*missa dominical com eles, acompanhando-os para receber o sacramento da Reconciliação, etc.*”<sup>81</sup>

Esta missão de evangelizar que é, em primeiro lugar, responsabilidade dos pais é fundamental em duas fases: a primeira infância, anterior à integração do filho na comunidade paroquial, e na catequese paroquial, que realçarei mais à frente quando falar da catequese paroquial. A este nível penso que seria muito importante que as comunidades paroquiais procurassem envolver as famílias, após o batismo dos seus filhos, ajudando-as e despertando-as para a sua missão evangelizadora, para a celebração da fé em família, mesmo quando os seus filhos são ainda muito pequeninos. Se a preparação para o batismo é uma das prioridades pastorais na qual se realça a responsabilidade assumida perante a Igreja na educação cristã dos filhos, como é feito o acompanhamento? Muitas vezes os pais pensam que educar na fé passa por grandes projetos quando estes têm um modo específico de evangelizar, mediante o testemunho vivido no dia a dia, de simplicidade, alegria, amor, oração, perdão, gratuidade. É importante ajudá-los a perceber que é no quotidiano das vidas, muitas vezes agitadas, que Deus está presente e com eles se quer encontrar. Este acompanhamento poderia passar por encontros periódicos de pais que partilham as mesmas dificuldades e têm uma missão comum que é a educação da fé dos filhos; de celebração do aniversário dos batismos; na dimensão da celebração da fé, em que aos pais, que muitas vezes não têm com quem deixar os seus filhos, encontrem na comunidade um espaço de acolhimento a essas crianças ou a integração na celebração, de acordo com as suas capacidades. Muitas vezes este acompanhamento pode passar por manter uma “rede de comunicação” com as famílias, hoje facilitada pela riqueza dos meios de comunicação,

---

<sup>81</sup> Pontifício Conselho para a família, 5ª Catequese preparatória para o IV Encontro Mundial das Famílias, “A família aberta a Deus e ao próximo”, nº 3, México, Janeiro 2009.

para que sintam a proximidade da comunidade que vem ao encontro das suas dificuldades.

#### *4.1.2. A catequese paroquial*

A paróquia continua a ser figura mais conhecida da Igreja, pelo seu carácter de proximidade e acolhimento.

*“É na paróquia que a Igreja se torna acontecimento acessível ao comum das pessoas; a paróquia é a última localização da Igreja. É, em certo sentido, a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e filhas. Como tal, é sobretudo, através da Paróquia que a Igreja realiza a função profética, nas suas várias modalidades: catequese, homilia, formação permanente, formação de animadores, etc. Como nota a Catechesi Tradendae a Paróquia continua a ser o lugar privilegiado da catequese. Para desempenhar esta missão, a paróquia precisa de se renovar como comunidade cristã, tornando-se casa de família, fraterna e acolhedora onde os batizados e confirmados tomam consciência de ser povo de Deus e onde o pão da boa doutrina e o pão da eucaristia lhes são repartidos com abundância.”<sup>82</sup>*

As comunidades, sem descurar ou privilegiar nenhum dos itinerários de evangelização, tem de adequar as suas propostas aos diversos percursos de fé das crianças, sem descurar a sua missão principal que é o anúncio de Jesus Cristo em ordem à sua adesão livre e consciente, ao crescimento na fé que deve ser conhecida, celebrada, vivida e rezada. É necessário respeitar o tempo de cada pessoa neste crescimento na fé e perceber que, em muitas situações, este não se enquadra na única proposta sistematizada e organizada que é a catequese da infância e adolescência, pelo que era importante

---

<sup>82</sup> DIOCESE DO PORTO, *Orientações Diocesanas de Pastoral*, Porto, 1991, nº 50.

distinguir e propor caminhos distintos: um para o primeiro anúncio e outro para a catequese.

#### *4.1.2.1. O primeiro anúncio / pré-catecumenado*

O primeiro anúncio “*tem a função de anunciar o Evangelho e de chamar à conversão*”<sup>83</sup>. Deverá ser dirigido às crianças ainda não batizadas ou àqueles que, sendo batizados, não foram iniciados na fé pelos seus pais e, conseqüentemente, vivem a indiferença religiosa.

Este primeiro anúncio, que deve assegurar a conversão, realiza-se através do catecumenado. A espiritualidade do movimento neocatecumenal permite um caminho de renovação da experiência fundamental da Igreja. Este caminho tem uma mística própria, contagiante e entusiástica, que provém da Palavra de Deus, aceite como dom gratuito, salvador e jubiloso, que chama à conversão. Valoriza as relações interpessoais calorosas e festivas, permitindo uma forte experiência comunitária. Este caminho, que envolve crianças e famílias, proporcionará uma iniciação cristã e integração na comunidade paroquial.

Em comunidades pequenas em que estas situações poderão ser mais raras e em que não será aconselhável a integração imediata da criança na catequese paroquial, que pressupõe já uma iniciação cristã, o itinerário catecumenal pode ser inter-paroquial, a nível das Vigararia, ou por inserção no movimento neocatecumenal, quando este está implementado na proximidade da comunidade. Nestes casos é importante que se encontrem formas de integração progressiva das crianças e respetivas famílias nas suas comunidades paroquiais, por exemplo na vivência e celebração dos tempos fortes da

---

<sup>83</sup> DGC, nº 61.

Igreja, em particular na Quaresma-Páscoa, onde as crianças catecúmenas celebrarão os ritos da iniciação cristã e os sacramentos da iniciação cristã. É fundamental que se sintam acolhidos nas comunidades paroquiais, onde se integrarão.

#### 4.1.2.2. A catequese como educação da fé

A catequese *“promove e faz amadurecer a conversão inicial, educando a fé do convertido e inserindo-a na comunidade cristã”*<sup>84</sup>. Implica que a criança já tenha sido iniciada na fé numa conversão inicial, pois só a partir da conversão, isto é, apostando na atitude interior daquele que crê, a catequese propriamente dita poderá desenvolver a sua tarefa específica de *“fazer amadurecer a fé inicial e de educar o verdadeiro discípulo de Cristo, mediante um conhecimento mais aprofundado e sistemático da Pessoa e da mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo”*<sup>85</sup>. A catequese deverá ser exigente e atrativa, levando ao encontro pessoal com Jesus Cristo.

Consciente da minha “ousadia” o itinerário catequético da infância deveria implicar mais a família. Catequese implica o “querer” da criança mas, face à sua idade e conseqüente pouca capacidade de decisão e discernimento, o “querer” e o testemunho dos pais é fundamental. Todos sabemos que, o mais frequente, é que os pais inscrevem os filhos na catequese com motivações diversas, procurando envolvê-los apenas a eles, recusando qualquer acompanhamento do filho neste processo, nas suas várias dimensões. É que não é assim tão estranho os párocos e responsáveis da catequese ouvirem os pais afirmar que inscrevem os seus filhos na catequese mas que não querem nada com a Igreja. Pedem a catequese para os filhos apenas porque é tradição e, em muitos casos, influenciados pelos avós ou meio social; porque catequese e escola por

---

<sup>84</sup> DGC, nº 61.

<sup>85</sup> CT, nº 19.

tradição caminham lado a lado (em muitos casos apenas até o sacramento da Eucaristia); ou porque a criança, à semelhança dos seus amigos que andam na catequese, pediram aos pais para a frequentar. A catequese resume-se à hora da catequese semanal, sem vivência das outras dimensões da fé: vida, celebração, oração, testemunho.

Evitando um “fundamentalismo” cristão, penso que o processo de “inscrição” das crianças na catequese não pode continuar a ser feito como uma matrícula escolar. Deverá ser um momento de diálogo, de partilha, de discernimento, de compromisso entre a criança/adolescente, os pais e a comunidade, aqui representada no seu Pároco ou responsáveis pastorais. Neste processo não se pode excluir ninguém do acompanhamento no crescimento da fé, nem se podem fazer juízos de valor sobre a vivência da fé de cada um. Pelo contrário, este diálogo pastoral tem de respeitar o percurso de cada um, dialogar e conhecer propostas, objetivos e caminhos, de forma a levar à adesão livre e consciente e ao compromisso individual e comunitário, que poderá passar por encaminhá-los para o neocatecumenado.

#### *4.1.2.3 Uma catequese kerigmática e mistagógica*

A tarefa fundamental das comunidades cristãs é o anúncio e o testemunho vivo, alegre e entusiasmante do Evangelho. O Papa Francisco na sua exortação apostólica, exorta a uma catequese kerigmática e mistagógica. O “*primeiro anúncio ou Kerigma deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial*”<sup>86</sup>, como anúncio principal que deve ser ouvido e repetido a todos os homens: “*Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias*

---

<sup>86</sup> EG, n° 164.

*para te iluminar, fortalecer, libertar*”<sup>87</sup>. Este é o anúncio principal: JESUS CRISTO, que tem de se sempre repetido, de diferentes maneira, durante a catequese, em todas as suas etapas e em todas as fases da vida. O anúncio, mais do que conhecimentos da história da salvação e de condutas morais e éticas, requer algumas características: exprimir o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa; que não imponha a verdade mas faça apelo à liberdade; que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa, que não reduza a catequese a doutrinas mas a vida<sup>88</sup>.

A catequese, refere ainda o Santo Padre, deve ser iniciação mistagógica, de valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã:

*“O encontro catequético é um anúncio da Palavra e está centrado nela, mas precisa de uma ambientação adequada e de uma motivação atraente, de uso de símbolos eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta”*<sup>89</sup>.

Remete-nos para a comunidade como um dos agentes privilegiados que proporcionam essa experiência e para a necessidade de uma liturgia que valorize os seus sinais, que leva a vivenciar antes mesmo de compreender, à imagem do gesto de Jesus ao lavar os pés aos discípulos (cf. João 13, 4-11). A catequese mistagógica proporciona a contemplação do Mistério, a experiência e encontro com Deus, conseqüente aprofundamento e compreensão desse mesmo mistério.

---

<sup>87</sup> EG, n° 164.

<sup>88</sup> Cf. EG, n° 165.

<sup>89</sup> EG, n° 166.

Uma catequese kerigmática e mistagógica proporcionará uma pastoral de gestação, de encontro e de missão, pois quem experimenta e se encontra com Deus é chamado à missão, a anunciar a alegria de Jesus Cristo morto e ressuscitado.

O itinerário da catequese, centrado no Anúncio do Evangelho, deve levar o catequizando, em qualquer etapa da sua vida, ao encontro, à comunhão e intimidade com Jesus Cristo, pela adesão livre e alegre à pessoa de Jesus Cristo e à Sua Palavra, a crescer na vida de comunhão com Deus e o próximo, de forma a segui-Lo, e à personalização da fé. A catequese tem como tarefa formar o homem em todas as dimensões da sua vida: favorecer o conhecimento da fé<sup>90</sup>; a educação litúrgica<sup>91</sup>; a formação moral<sup>92</sup>; ensinar a rezar<sup>93</sup>; a iniciação e educação para a vida comunitária e para a missão<sup>94</sup>. Para que possa atingir estes objetivos penso que é urgente rever os catecismos propostos pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã, não a nível do itinerário de catequese dos dez anos, dividido em quatro etapas: inserção na comunidade; a vida da fé; o sentido cristão da vida; o compromisso cristão, mas na sua estruturação em termos de formulação dos conteúdos que, em alguns casos, particularmente na segunda fase, são extremamente densos, tornando as catequese muito extensas e expositivas, não permitindo que as crianças *“adquiram o sentido da presença e da amizade de Deus e de Jesus Cristo. Por isso não assimilam, nem o hábito nem o gosto pela oração ou pela Eucaristia. Falta-lhes em geral uma relação vivida com Deus e uma leitura da vida humana à luz desta relação”*<sup>95</sup>.

A Palavra anunciada na catequese não leva ao encontro e experiência de Deus, não se valoriza a oração como resposta pessoal que brota do coração convertido, não há

---

<sup>90</sup> Cf. DGC, nº 154.

<sup>91</sup> Cf. DGC, nº 85.

<sup>92</sup> Cf. DGC, nº 85.

<sup>93</sup> Cf. DGC, nº 85.

<sup>94</sup> Cf. DGC, nº 86.

<sup>95</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *para que acreditem e tenham vida – orientações para a catequese atual*, p. 9.

compromisso real com a vida e a comunidade, a dimensão espiritual é desvalorizada. A dimensão comunitária deve estar mais presente nos itinerários propostos, o que implica também o envolvimento da comunidade na catequese, em especial na celebração da fé na Eucaristia dominical, onde a dimensão ministerial está muito presente. Penso que as catequeses deveriam fazer a “ponte” com este sacramento, fonte e vértice da vida cristã, comprometendo as crianças e famílias na celebração da fé. Se o *“veículo habitual de que o Senhor se serve para chamar alguém à fé é a transmissão da revelação, sobretudo o anúncio e o testemunho vivo, entusiasmante do Evangelho”*<sup>96</sup>, questiono se a forma como se comunica a Palavra de Deus na catequese ajuda a despertar e a solidificar a fé?

Por outro lado, é necessário ter em conta que vivemos um novo contexto sócio-cultural e religioso que requer novos modos de comunicar a fé, novas linguagens, novas técnicas, novas atitudes, que devem proporcionar experiências de Deus simples, alegres, acolhedoras, sinceras e profundas e que impliquem com a vida das crianças e adolescentes. E isto é possível, em qualquer idade. Como podem ser ricas as experiências de silêncio, de partilha, de oração, de leitura orante da Palavra de Deus, ou até mesmo de adoração a Jesus na Eucaristia, se adaptadas no tempo, na linguagem, com símbolos ricos, espaços adequados e cuidados, que facilitem e proporcionem essas experiências, se adaptadas às capacidades das crianças e adolescentes. É que *“não basta transmitir conteúdos, explicar a fé e falar de Cristo. É indispensável que a catequese faça ‘ver Jesus’, atualizando o convite do Evangelho: ‘Vinde e vede’”*<sup>97</sup>. A experiência que tenho vivido, principalmente com a catequese de infância, a este nível, permite-me dizer que atingimos melhor o objetivo da catequese, se abrirmos espaço a estas vivências.

---

<sup>96</sup> Orientações para a catequese atual, p. 8.

<sup>97</sup> Orientações para a catequese atual, p. 19.

Uma das implicações práticas da catequese é o de *um “itinerário com fases que correspondem a níveis de crescimento, celebradas com ritos próprios. É necessário que a passagem das fases corresponda à aquisição de capacidades e competências, à aprendizagem de gestos e à assimilação de conhecimentos”*<sup>98</sup>. Não é a idade o fator que define a passagem das fases, mas a série de fatores já referidos que, na minha opinião, não são tidos em consideração na generalidade das comunidades paroquiais. Como é possível celebrar o sacramento da Eucaristia com crianças que nunca celebram a sua fé e claramente afirmam que terminarão aí o seu percurso de crescimento na fé? O caminho a percorrer deve ser pessoal pelo que o acompanhamento e discernimento de passagem dessas fases não pode ser feito em massa, e considerando apenas como critério a assiduidade, mas passa pelo discernimento dos agentes da catequese, onde naturalmente a criança/adolescente e famílias estão envolvidos.

Constata-se também que, pelo facto da natalidade ter vindo a diminuir nas últimas décadas e dos cristãos se afastarem da Igreja, o número de crianças na catequese tem vindo também a diminuir. Em algumas comunidades, o número de crianças por grupos de catequese não permite a experiência de comunhão, que deve ser valorizada e proporcionada, como sinal e testemunho de vida comunitária. Manter o itinerário catequético proposto poderá não ser aconselhável e até levar ao afastamento das crianças. Nos casos em que é possível a deslocação das crianças, penso que seria melhor organizar e propor a catequese da infância e adolescências entre paróquias vizinhas. Este facto torna-se muito mais real no caso dos adolescentes em que o número é muito mais reduzido e onde a experiência de grupo é fundamental. Em casos que tal não seja possível os párocos e responsáveis por este setor da evangelização deverão reorganizar-se, de forma atingirem os objetivos da catequese. A catequese não existe para os

---

<sup>98</sup> Orientações para a catequese atual, p. 19.

programas e itinerários mas sim os programas e itinerários para atingirem os objetivos da catequese, a destinatários muito concretos e em situações reais, pelo que deverão encontrar-se caminhos novos. Este é um grande desafio à criatividade pastoral, que não pode ser sinónimo de “deixa andar” mas que, permite que o Espírito indique novos caminhos para anunciar Jesus Cristo.

#### *4.1.2.4 A catequese de adultos*

Uma comunidade cristã não pode ter como destinatários da catequese apenas as crianças e os jovens. A fé tem de ser continuamente aprofundada, esclarecida, estimulada e renovada pelo que a catequese tem de ser permanente. E aqui também em todas as suas dimensões: o anúncio, como escola do Evangelho, mas uma fé que deve ser vivida na vida dos homens, nas realidades temporais: a família, os amigos, o trabalho, a escola, a comunidade, no tempo livre, etc.

O objetivo da catequese de adultos, onde se deve dar uma “nova oportunidade para o Evangelho”, não tem um objetivo diferente da catequese de qualquer fase etária: é o alegre anúncio de Jesus Cristo que toma a iniciativa de vir ao seu encontro, na sua situação de vida concreta. Encontro que o interpela a uma resposta pessoal, esclarecida e livre, e o convida a segui-Lo e a anunciá-Lo, com uma fé mais adulta.

João Paulo II referia a catequese de adultos como *“a principal forma de catequese, porque se dirige a pessoas que têm as maiores responsabilidades e capacidades para viverem a mensagem cristã na sua forma plenamente desenvolvida”*<sup>99</sup>.

---

<sup>99</sup> CT, n° 43.

A catequese dos adultos é verdadeiramente a referência para toda a catequese, é como um eixo ou princípio organizador, em volta da qual se estrutura a catequese das diferentes idades<sup>100</sup>. O testemunho de fé dos adultos, que governam e decidem o mundo, será o sinal de uma comunidade viva que evangeliza e educa na fé os mais novos. Esta só é diferente nos seus destinatários, nos seus métodos, na linguagem, nos seus meios, nos compromissos, etc.

Esta catequese de adultos deverá dirigir-se a todos os que procuram aprofundar a sua fé e aos agentes da pastoral das comunidades. Em paróquias pequenas a formação específica dos vários setores: catequese, leitores, ministros da comunhão, social, e outros, porque em número reduzido, deverá ser assegurada pelas vigararias ou movimentos específicos. A participação dos elementos destes grupos, numa catequese de adultos, na comunidade e com a abrangência que referi, é já uma forma de viver a comunhão e de testemunhar a unidade na diversidade. Será também o espaço proposto aos pais das crianças e adolescentes para quem a proposta de formação e acompanhamento da catequese não é suficiente, de forma a responder à necessidade de um aprofundamento orgânico e sistemático da catequese.

Muitas comunidades já estão sensíveis para esta urgência pastoral, no entanto penso que na generalidade, reduz a catequese à transmissão de conteúdos doutrinários, muitas vezes pontuais e não sistematizados, não levando à experiência de encontro com Jesus Cristo, sem implicação ética-social, sem dimensão celebrativa e ausente de verdadeira comunhão eclesial. Em muitos casos utiliza-se o termo de “escola de formação de adultos” (e pior ainda por vezes o termo de “escola de formação catequética” como acontece em algumas comunidades no que concerne à catequese da infância e da adolescência”). Pelo que referi penso que a catequese de adultos não se

---

<sup>100</sup> Cf. DGC, nº 171, 275.

deve resumir aos encontros periódicos de formação, mas deve levar ao compromisso com a vida e à celebração da fé, levando também à experiência de momentos fortes de oração. Tal dinamismo, com propostas diversificadas e abrangentes das várias dimensões da fé, torna estes momentos de formação muito mais atrativos e profundos, com implicações na vida cristã.

Gostaria de referir aqui como bastante positiva a experiência que tive com um grupo de catequese de adultos, com a proposta elaborada pelo Secretariado Diocesano da Educação Cristã do Porto, a partir da Carta dos Bispos do Porto para o Ano da Fé. “Viver em aliança” propunha um itinerário de Fé (de conhecimento, de relação, de experiências, ...), inspirado nos percursos de Catequese de Adultos.<sup>101</sup> Apresentava uma dinâmica “ternária”: **Ir** ao encontro do Mestre: lugar do encontro, da intimidade, da escuta, da Palavra, do silêncio, que correspondia a um momento celebrativo no qual se incluía a “novidade” riquíssima da contemplação de um ícone; **Permanecer**, isto é, deixar-se transformar por Ele, que consistia em olhar a vida e viver ao jeito de Jesus Cristo “num percurso pessoal de conversão no dia-a-dia”; **Ver**, que proporcionava uma abordagem dos conteúdos da fé, um espaço de “dizer a fé”. O percurso proposto favoreceu sem dúvida alguma o encontro ou o (re)encontro pessoal e comunitário com Jesus e a vida da Igreja. Um itinerário deste género não é fácil logo à partida, mas a experiência de encontro com Jesus, pela Palavra e pela oração, não pode deixar de “desinstalar” e implicar a vida dos cristãos, a sua espiritualidade como vida vivida.

A catequese de adultos, segundo um itinerário deste género, não é possível em grandes grupos, o que implica a formação de animadores que, na maior parte dos casos, não existe e é assumida pelos Párocos, que a assumem apenas como formação doutrinal.

---

<sup>101</sup> SECRETARIADO DIOCESANO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – CATEQUESE DO PORTO, Itinerário para o Ano da Fé - “Viver em Aliança”, 2012-2013 (site <http://www.catequeseporto.com>)

Este é um grande desafio que se coloca às dioceses e vigararias, a formação de novos evangelizadores.

#### *4.2. Os agentes da catequese: evangelizadores com espírito*

O mundo de hoje precisa de novos evangelizadores, de “*ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem primeiro recebeu em si a alegria de Cristo*”<sup>102</sup>. A Igreja tem de promover uma nova geração de evangelizadores, apaixonados por Cristo e que vivam a paixão da Igreja, de quem fez e renova a experiência de Jesus Cristo que dá sentido à sua vida, e o leva a amadurecer a sua experiência pessoal de encontro com Jesus. Essa experiência de Jesus Cristo foi marcante e leva-o a comunicar aos outros a Alegria do Ressuscitado, de tal forma que os impulsiona a querer partilhar dessa experiência e dessa alegria.

Evangelizadores não são apenas consagrados, mas todos os batizados que descobrem a sua missão batismal, aprofundam a sua fé e põem os seus carismas ao serviço dos outros. Todo o povo cristão é evangelizador e convocado à missão de anunciar.

##### *4.2.1. A família como “Igreja doméstica”*

A minha experiência na catequese faz-me afirmar com convicção de que é quase impossível iniciar e educar na fé crianças e adolescentes cujas famílias não se encontrem envolvidas nesse processo e não se reconheçam como evangelizadores. É que a família é o primeiro agente de evangelização da criança, é na família que a criança

---

<sup>102</sup> EG, n° 10.

começa a ouvir falar de Jesus, se inicia à oração, nos valores cristãos e o testemunho dos pais é fundamental.

Já referi a importância da família na catequese familiar, antes das crianças serem acolhidas pela comunidade na catequese paroquial, pois estas são uma influência decisiva na educação humana e cristã dos seus filhos. Esta influência e acompanhamento deve continuar enquanto estes não são capazes de tomar uma opção livre e responsável da sua fé. No entanto este acompanhamento da família, em muitos casos, não é feito pelos pais, por motivos de trabalho e disponibilidade, mas pelos avós ou outras pessoas de referência na educação da fé. Não devemos ignorar este facto pelo que a catequese deve valorizar o seu papel como educadores e testemunhas de fé e reconhecer que ele pode ser eficaz quando, da parte dos pais, os primeiros responsáveis da fé dos filhos, o acompanhamento não é possível, não por vontade própria mas porque esse facto lhe é imposto por motivos exteriores à sua vontade. Estas situações deverão ser dialogadas e percebidas com os pais e envolver esses “novos” educadores da fé na catequese, não excluindo os pais mas integrando outros, que se tornam mais presentes.

Conscientes da sua importância e da sua missão na educação da fé dos filhos, a catequese paroquial sem a colaboração, empenho e testemunho dos pais ou família, pouco poderá fazer. Esta pode ser muito organizada, fiel à sua finalidade, mas na maior parte dos casos limita-se a um anúncio que não terá frutos na vivência e testemunho da fé, sem dimensão litúrgica e comunitária.

Terminada a catequese da infância/adolescência ou recebido o sacramento da Eucaristia, a criança ou adolescente afasta-se da Igreja. Como motivar e envolver os pais na educação da fé dos seus filhos? Como ajudar e integrar os filhos na vivência e celebração da fé quando, neste itinerário de crescimento da fé, os pais se demitem, colocando-se à margem ou até se encontram em ruptura com a Igreja?

A ausência do testemunho dos pais, a este nível, é o principal factor que origina o afastamento da comunidade, por parte das crianças e adolescentes, quando celebram o sacramento da Eucaristia ou da Confirmação. Como motivá-los e envolvê-los na catequese, conscientes das suas dificuldades de tempo e muitas vezes da fragilidade da sua fé nas várias dimensões?

O seu envolvimento na catequese paroquial é imprescindível no contexto da evangelização, como “Igreja doméstica”, como transmissora de fé e testemunho de vida, de paz, de amor, como verdadeira escola de valores. A comunidade cristã, e em particular a catequese, não substitui os pais na educação da fé dos seus filhos, mas apenas colabora. Como gerar nos pais esta consciência?

Se é verdade que a formação cristã destes pais é fundamental, esta não poderá iniciar-se com encontros gerais e formativos, mesmo que muito bem apresentados em termos de conteúdos e métodos. Se a grande motivação são os filhos, estes terão de ser o grande elo de ligação, pelo que a integração dos pais tem de ser feita com eles. Por outro lado muitos destes pais têm uma imagem de Igreja muito rígida, sem relações entusiásticas, pouco dialogante e onde a alegria não passa. Ora o grande desafio é levar a “Alegria do Evangelho”, a alegria que brota de Jesus Cristo, proporcionando momentos em que essa vivência possa ser concretizada, estabelecendo relações calorosos e próximas, que passa por:

- Encontros de pais com os filhos nos diferentes anos de catequese: escolher, ao longo do ano, alguns temas do grupo de catequese que possam ser partilhados com os pais. Não como “assistentes” e observadores mas envolvê-los ativamente em todo o processo da catequese.

- Encontros periódicos por anos ou fases, que proporcionem conhecimentos sobre as catequese dos filhos, num espaço de partilha e de encontro, estabelecendo laços entre os pais.

- Envolvê-los e responsabilizá-los nas várias atividades propostas ao longo do ano pela catequese ou comunidade (ex: caminhadas, celebrações várias, organização de debates, dia da família, ...)

- Celebrar com eles os momentos fortes da vida da família: dia do pai, da mãe, dos avôs que, em muitos casos, são os que acompanham as crianças semanalmente à catequese.

- Envolvê-los na celebração da fé, em particular a Eucaristia. A este nível penso que, mais importante do que pô-los a participar, é a forma como celebramos: a beleza da liturgia, o cuidado no canto, nos gestos, na homilia, e que já desenvolvi anteriormente.

Sendo o tempo um bem escasso para os pais, penso que todos os momentos com eles vividos, têm de ser bem preparados e cuidados, proporcionadores de verdadeira experiência comunitária, para que no final possam afirmar que “valeu a pena” e com entusiasmo e alegria queiram dar continuidade. Que não sejam espaço de diálogo “vazio”, muitas vezes destrutivo e desmotivador, nem exigentes de mais para o seu percurso de fé. Para os que querem ir mais além, na dimensão formativa, e porque não é possível uma resposta adequada a todos, por parte da catequese da infância/adolescência, deverá esta encaminhá-los para outras propostas que a comunidade paroquial deverá ter em conta, como a catequese de adultos ou outros grupos.

#### *4.2.2. A comunidade paroquial*

A comunidade eclesial é o âmbito ou lugar normal da catequese. É como o seio materno onde se gera o homem novo, por meio da Palavra e dos Sacramentos da Iniciação cristã. Ela é o sujeito, lugar e meta da catequese. A catequese não é uma função meramente individual, mas deve realizar-se sempre na dimensão da comunidade cristã.

As comunidades quando são geradas pela Alegria do Evangelho e “casas de comunhão” que testemunham uma fé viva, incarnada em pessoas e testemunhada em gestos e formas de viver, tornam-se o ambiente propício a que a fé seja acolhida, aprendida, celebrada e testemunhada. Se é verdade que a catequese centraliza a ação e compromisso dos agentes de pastoral paroquial, também o é o facto de que as comunidades cristãs não estão sensibilizadas nem conscientes de que a vida cristã é um facto comunitário e que a vida da comunidade cristã é um apoio indispensável na educação da fé. A partilha, a comunhão entre a catequese e os outros setores da comunidade paroquial são fundamentais para que as crianças e adolescentes experimentem a Igreja como Corpo de Cristo que, na diversidade dos seus membros e carismas, constituem um só Povo, que em comunhão edificam uma só Igreja. Nesta relação, a catequese das crianças e dos jovens, poderá desinstalar alguns setores da vida comunitária e, por sua vez, estes podem ensinar e testemunhar a vida cristã, gerando vida espiritual. A dimensão celebrativa da fé, em especial a Eucaristia na comunidade, tem uma importância fundamental, como já referi anteriormente.

A comunidade paroquial tem de assumir a sua responsabilidade no acompanhamento interessado e responsável pela catequese, capacitando-a de recursos humanos, pedagógicos e materiais. A formação permanente dos catequistas, o cuidado dos espaços onde se reúnem e celebram a fé os grupos de catequese, os meios

pedagógicos e materiais necessários, não pode ser apenas preocupação dos catequistas e párocos mas tem de merecer uma maior atenção por parte da comunidade que deve ser motivada por aqueles que, com os párocos, assumem a função da administração paroquial.

#### *4.2.3. Os catequistas*

O Papa Francisco, na exortação apostólica “*Evangelii Gaudium*”, ao referir-se às exigências dos evangelizadores, menciona algumas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio e que neles devem estar presentes: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena<sup>103</sup>. No discurso aos catequistas, em Roma<sup>104</sup>, no ano da fé, referiu que a vocação do catequista é “ser catequista”, isto é, guiar para o encontro com Cristo, através das palavras e da vida, atrair através do testemunho da fé e da coerência de vida. Isso exige ao catequista:

- cultivar a familiaridade com Jesus, permanecer ligado a Cristo e ao Seu amor, deixar-se olhar por Ele, ouvi-Lo e permanecer com Ele.
- Consciente de que recebeu o dom da fé, sair de si mesmo e ir ao encontro do outro em nome de Cristo. Atraído a Cristo é por Ele enviado em missão aos outros.
- Não ter medo de ir com Ele para as periferias, não fugir das dificuldades mas, como Ele saber ser criativo e adequar-se às circunstâncias do mundo de hoje e anunciar o Evangelho, mesmo correndo riscos.

Hoje é muito difícil encontrar pessoas disponíveis para a missão de catequista, ou porque têm pouca disponibilidade ou porque é um compromisso exigente que implica

---

<sup>103</sup> Cf. EG, nº 16.

<sup>104</sup> Cf. PAPA FRANCISCO, Discurso aos Catequistas no Congresso Internacional de Catequese, Roma, 2013.

motivação, tempo, preparação e perseverância. Ser catequista é, sem dúvida, exigente em vários âmbitos: formação doutrinal, pedagógica, psicológica, mas principalmente porque implica um testemunho e uma vida alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia. A evangelização requer familiaridade com a Palavra e é *“fundamental que a Palavra revelada fecunde radicalmente a catequese e todos os esforços para transmitir a fé”*<sup>105</sup>. Esta é, na minha opinião, a questão fundamental. Como há, sem dúvida, muita dificuldade em ter catequistas suficientes, desvalorizam-se as exigências para a sua missão e temos catequistas “imatuross” na fé porque não a alimentam: não valorizam a sua formação, a oração, a Palavra de Deus, a Eucaristia. Este facto faz com que, perante as dificuldades, facilmente desanimem e não sejam mensageiros alegres de propostas elevadas porque vêm de Deus. Atrevo-me a dizer que, muitas vezes, faz-se catequese sem Cristo, porque Ele não tem lugar na vida dos catequistas. Não será preferível ter menos catequistas e organizar a catequese de uma outra forma, se não for possível seguir o itinerário de catequese dos dez anos, do que continuarmos com catequese que não leva ao encontro com Cristo, porque os catequistas em vez de Anunciar Jesus Cristo, entretém crianças e adolescentes?

É fundamental que o catequista sinta que não atua em nome próprio, mas em nome da comunidade cristã. Em nome de toda a Igreja é enviado e pode e deve dizer como S. Paulo: *“Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi”* (1Cor 15,3). A sua missão não pode estar isolada da comunidade, o catequista deve sentir-se seu membro e nela envolver-se. Por outro lado é também fundamental que a comunidade paroquial acolha e crie condições para que o catequista possa ser fiel à sua missão.

---

<sup>105</sup> EG, n° 175.

A formação e acompanhamento dos catequistas deverá ser assumida num âmbito eclesial mais alargado, ou entre paróquias, que em muitos casos têm o mesmo pároco, ou pelas vigararias.

## **5. O testemunho, gerador de vida em Cristo**

O mundo de hoje precisa de testemunhas credíveis que anunciem com a sua vida Jesus Cristo, que percorram os “caminhos” mostrando o rosto de Deus (cf. Tiago 2, 17-18). Urge promover uma nova geração de evangelizadores, a que todo o cristão é chamado. Evangelizadores que façam a experiência de Jesus Cristo, que dá um novo sentido às suas vidas e que os leva a amadurecer a sua experiência pessoal de encontro com Jesus. A experiência de Jesus Cristo foi marcante, na vida dos Seus discípulos. A Alegria de Jesus Cristo impulsiona-o a partilhar aos outros essa descoberta e a vivê-la, com convicção e coerência na suas realidades concretas. O testemunho é o “sacramento” de Cristo que leva os outros ao desejo e ao encontro com Deus. São necessários homens e mulheres apaixonados por Cristo e que vivam a paixão da Igreja.

### *5.1. Os sacerdotes*

O sacerdote, pelo sacramento da Ordem, é instituído em nome de Cristo e recebe o dom do Espírito Santo para apascentar a Igreja pela Palavra e pela graça de Deus. Foi chamado “*para estar com Jesus e ser enviados a pregar*”(Mc 3,14). É o homem “*consagrado, à imagem de Cristo sumo e eterno Sacerdote (cf. Hebr 5, 1-10; 7, 24; 9, 11-28), para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino, como verdadeiro sacerdote do Novo Testamento*”<sup>106</sup>.

---

<sup>106</sup> LG, n° 28.

Num tempo em que os sacerdotes são cada vez menos, em que as suas idades são cada vez mais avançadas, em que as exigências pastorais são cada vez maiores, penso que é urgente (re)pensar a missão do sacerdote na comunidade paroquial. Em muitos casos, as questões organizativas, burocráticas, institucionais, reduzem a ação dos párocos à celebração da Eucaristia, ao sacramento da reconciliação que é, na minha opinião e como já referi muito desvalorizado, ao atendimento paroquial, às reuniões monótonas e centradas na formação teórica com os grupos paroquiais, valorizando-se mais uma pastoral de manutenção do que de missão. Inquieta-me ver os párocos cansados, desanimados, a correr para celebrar a rotina das Eucaristias. Onde estão os pastores no meio do povo, disponíveis para ouvir e estar com as pessoas que frequentam a comunidade, e ir ao encontro dos afastados que precisam de um pastor que lhes anuncie e testemunhe a Alegria de Jesus Cristo, que dê sentido às suas vidas? Não será de preocupar que os cristãos apenas vejam o sacerdote no altar, a entrar atrasado e preocupado e a celebrar a correr porque tem de ir para outra celebração? E o testemunho do sacerdote no meio do seu povo a rezar antes da celebração, com a assembleia que celebrou no final da Eucaristia, com as crianças e pais que vêm à catequese, com os doentes e sozinhos que são cada vez mais, com as famílias que vivem momentos de dificuldades? E, em muitos casos, envolvidos e absorvidos de tal forma nos centros sociais e paroquiais que não têm tempo para, como bom pastor, acolher e guiar o seu rebanho para Jesus Cristo, alimentando-os da Palavra e dos Sacramentos. E esta dimensão fundamental da Igreja que é a caridade, é esvaziada de sentido tonando-se mais uma gestão de recursos materiais e humanos do que de serviço aos irmãos. É que a evangelização não é um ofício, nem ativismo, mas “*a evangelização faz-se de joelhos*», como referiu o Papa aos seminaristas, noviços e noviças, em Roma, convidando-os a

*“ser homens e mulheres de oração! Se olhamos a vida de Jesus, constatamos que, na véspera de cada decisão ou acontecimento importante, Ele Se recolhia em oração intensa e prolongada. Cultivemos a dimensão contemplativa, mesmo no turbilhão dos compromissos mais urgentes e pesados. E quanto mais a missão vos chamar para ir para as periferias existenciais, tanto mais o vosso coração se mantenha unido ao de Cristo, cheio de misericórdia e de amor. Aqui reside o segredo da fecundidade pastoral, da fecundidade de um discípulo do Senhor!”<sup>107</sup>.*

A Igreja precisa de sacerdotes com espírito missionário, em saída, que façam das suas paróquias uma casa para todos.

*“A renovação da paróquia exige atitudes novas dos párocos e dos sacerdotes que estão a serviço dela. A primeira exigência é que o pároco seja autêntico discípulo de Jesus Cristo, porque só um sacerdote apaixonado pelo Senhor pode renovar uma paróquia. Mas, ao mesmo tempo, deve ser ardoroso missionário que vive o constante desejo de buscar os afastados e não se contenta com a simples administração”<sup>108</sup>.*

É que

*“o Povo de Deus sente a necessidade de presbíteros-discípulos: que tenham profunda experiência de Deus, configurados com o coração do Bom Pastor, dóceis às orientações do Espírito, que se nutram na Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração; de presbíteros-missionários: movidos pela caridade pastoral que os leve a cuidar do rebanho a eles confiado e a procurar os mais distantes, pregando a Palavra de Deus, sempre em profunda comunhão com seu Bispo, com os presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas e leigos; de presbíteros-servidores da vida: que estejam atentos às necessidades dos mais pobres, comprometidos na defesa dos direitos dos mais fracos, e promotores da*

---

<sup>107</sup> PAPA FRANCISCO, Encontro com os seminaristas, os noviços e as noviças, Roma, 6 Julho 2013.

<sup>108</sup> DA, n° 201.

*cultura da solidariedade. Também de presbíteros cheios de misericórdia, disponíveis para administrar o sacramento da reconciliação*”<sup>109</sup>.

Precisamos, à imagem do que o Papa Francisco diz sobre os bispos, de sacerdotes que, atentos às realidades das suas comunidades, promovam a comunhão missionário

*“pondo-se à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras vezes mantendo-se simplesmente no meio de todos com a proximidade simples e misteriosa e, em certas circunstâncias, deverá caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram*”<sup>110</sup>.

Só com esta presença ativa e vigilante é possível o sacerdote despertar, discernir, cultivar e acompanhar os carismas presentes na comunidade e promover a pluralidade na unidade do Corpo de Cristo que os libertará de algumas tarefas que poderão confiar a outros, dirigindo a sua ação para o específico do seu ministério: o anúncio da Palavra que convoca a comunidade; a ser ministro dos sacramentos, em particular a Eucaristia pois é pela presidência da Eucaristia que o sacerdote se torna sinal visível e eficaz de Cristo pastor da sua Igreja; o testemunho atraente e alegre de Jesus Cristo que entusiasma e move as pessoas; a pastorear o rebanho que lhe foi confiado, animando as pessoas na busca de valores autênticos que dêem sentido às suas vidas.

Este é um desafio a

*“introduzir na preparação dos novos padres do Povo de Deus um novo paradigma que ultrapasse o conceito de formação e o substitua por uma iniciação na mística da evangelização, alimentada no convívio com Jesus e os seus pastores e fundada numa espiritualidade do Reino de Deus, alimentada no convívio com a Palavra de Deus e num estudo apaixonado da teologia*”<sup>111</sup>;

---

<sup>109</sup> DA, nº 199.

<sup>110</sup> EG, nº 31.

<sup>111</sup> PAES, Carlos, *Repensar a Pastoral da Igreja em Portugal*, Ed. Paulinas, p. 28.

a ajudar os sacerdotes que vivem o seu ministério em desalento, a pôr o seu coração e a sua confiança em Cristo. Foi o desafio que o Papa Francisco colocou aos sacerdotes a nunca se esquecerem de Cristo, a nunca se esquecerem do primeiro amor:

*"Esta é a pergunta que me faço e também aos meus irmãos bispos: Como anda o amor de hoje? É como o primeiro amor? Sou apaixonado por Cristo como no primeiro dia? O meu trabalho, as preocupações fazem-me olhar outras coisas e esquecer-me um pouco o amor?" (...) Sou pastor ou sou um funcionário desta ONG que se chama Igreja? Há diferença. Sou pastor? Uma pergunta que eu, os bispos e sacerdotes devemos fazer. Que todos nós devemos fazer. Apascenta, cuida e vai em frente". (...) Se nós perdemos o caminho e não sabemos como responder ao amor, não sabemos como ser pastores, não sabemos responder ou não temos a certeza de que o Senhor não nos deixará sozinhos nos piores momentos da vida, na hora da doença Ele nos diz: Segue-me. Esta é a nossa certeza. Nas pegadas de Jesus, nesta estrada: segue-me"<sup>112</sup>.*

Para uma pastoral de encontro, de conversão e missionária são necessários padres ousados, abertos à novidade do Evangelho, que valorizem a dimensão evangelizadora e missionária da Igreja. É que

*"a disponibilidade do sacerdote faz da Igreja uma casa de portas abertas (...) onde o povo de Deus tem uma necessidade, lá está o sacerdote que sabe escutar e sente um mandato amoroso de Cristo, que o envia para socorrer, com misericórdia, aquela necessidade ou apoiar os bons desejos com caridade criativa"<sup>113</sup>.*

---

<sup>112</sup> PAPA FRANCISCO, homilia na Capela da Casa de Santa Maria, Vaticano, 06.06.2014.

<sup>113</sup> PAPA FRANCISCO, homilia na missa do Crisma – quinta feira santa, 17.04.2014.

## 5.2. A participação dos leigos no ministério da Igreja

A Igreja, povo de Deus, é constituída por um grande “corpo” de fiéis leigos. O Concílio Vaticano II trouxe uma nova consciência eclesial sobre a sua natureza e missão e, na constituição dogmática sobre a Igreja “Lumen Gentium”, dedica o quarto capítulo aos leigos. O Concílio quis realçar que na raiz os cristãos são iguais, sendo todos membros do povo de Deus, com a responsabilidade de caminhar seguindo o Evangelho. No seio deste povo encontram-se os leigos que

*“são todos os cristãos que não são membros da sagrada Ordem ou do estado religioso reconhecido pela Igreja, isto é, os fiéis que, incorporados em Cristo pelo batismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, exerçam pela parte que lhes toca, na Igreja e no mundo, a missão de todo o povo cristão”<sup>114</sup>.*

Ressalta aqui, e numa perspetiva de “Igreja-comunhão”, a igual e comum dignidade de membro de Cristo, em razão da mesma e única fé e do único Batismo, pelo que todos, clérigos, religiosos e leigos são chamados à santidade. E *“em virtude de comum dignidade batismal o fiel leigo é corresponsável, juntamente com os ministros ordenados e com os religiosos e as religiosas, da missão da Igreja”<sup>115</sup>.*

O que distingue o leigo é o “modo” de estar presente no mundo, pois

*“são chamados por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, concorram para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade”<sup>116</sup>.*

---

<sup>114</sup> LG, n° 31.

<sup>115</sup> ChL n° 15.

<sup>116</sup> ChL, n° 15.

É na sua condição secular, que lhe é própria e peculiar, que ele é chamado a anunciar e testemunhar Cristo ao mundo, nas realidades temporais em que está inserido, *“o mundo torna-se assim o ambiente e o meio da vocação cristã dos fiéis leigos”*<sup>117</sup>.

Num mundo em constante transformação, é urgente que a Igreja e, em particular, os leigos assumam a missão que lhes cabe:

*“novas situações, tanto eclesiais como sociais, económicas, políticas e culturais reclamam hoje, com uma força toda particular, a ação dos fiéis leigos. Se o desinteresse foi sempre inaceitável, o tempo presente torna-o ainda mais culpável. Não é lícito a ninguém ficar inativo”*<sup>118</sup>.

Para que tal aconteça é necessário formar os leigos para o apostolado, para darem testemunho do Evangelho na sociedade.

Numa paróquia renovada e missionária o papel dos leigos é indispensável. Eles fazem parte da Igreja, são membros do corpo de Cristo, e chamados a viver a corresponsabilidade na Igreja, na missão de anunciar e testemunhar a Alegria do Evangelho. Esta participação não se pode limitar ao âmbito da pastoral ordinária mas é necessária uma consciência da sua condição secular e de que são enviados em missão e, em nome de Cristo, a evangelizar o mundo, a partir dos seus ambientes. Na diversidade dos seus carismas, das suas ocupações e realidades, *“são chamados por Deus para, cheios de fervor cristão, exercerem como fermento o seu apostolado no meio do mundo”*<sup>119</sup>. Isto mesmo afirma o Papa Francisco ao referir que todos somos discípulos missionários, pois

*“em virtude do batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (Cf Mt 28,19). Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua*

---

<sup>117</sup> ChL, nº 15.

<sup>118</sup> ChL, nº 3.

<sup>119</sup> AA, nº 2.

*fé, é um sujeito ativo da evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas recetor das suas ações. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados*”<sup>120</sup>.

As comunidades paroquiais devem valorizar uma consciência laical, de unidade na diversidade. Todos participam da unidade da missão, como povo sacerdotal, profético, de anunciar e dar testemunho do Evangelho e todos são corresponsáveis na diversidade de funções, de acordo com os carismas de cada um. A comparação da Igreja com um corpo lança uma luz particular sobre a ligação íntima existente entre a Igreja e Cristo. A igreja não se reúne apenas à volta de Cristo mas está unificada n’Ele. Cristo é a Cabeça do corpo, que é a Igreja (cf Col 1,18). A Igreja vive d’Ele, n’Ele e para Ele. Mas, tal como acontece com os membros do corpo humano, na edificação do Corpo de Cristo também existem diversos membros (cf 1Cor 12,1-11), que realizando funções diferentes, todos concorrem para uma ação comum: realizar a salvação de Jesus Cristo. A Igreja é toda missionária em seus membros que agem de diversos modos, de acordo com a multiplicidade e a variedade dos carismas e dons (cf 1Cor 12, 12-31) e, em virtude do batismo, são chamados a participar e a comprometerem-se no múnus profético: para o anúncio do Evangelho, através da catequese, do testemunho e da palavra na vida quotidiana, familiar e social; na dimensão santificadora e sacerdotal, seja como ministros extraordinários do batismo e da comunhão, seja como acólitos e leitores; na organização comunitária contribuindo para a participação mais alargada dos leigos nos sínodos, nos conselhos diocesanos e paroquiais da pastoral, à administração dos bens da Igreja e a outros cargos relacionados com os deveres dos pastores; renovação missionária da consciência cristã e da realidade eclesial que passa pela

---

<sup>120</sup> EG, n° 31.

transparência de anúncio do evangelho e da riqueza profética que nasce do testemunho dos leigos nas realidades concretas em que vivem.

O leigo é chamado a ser apóstolo, a

*“tornar a Igreja presente e ativa naqueles locais e circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser o sal da terra. Deste modo, todo e qualquer leigo, pelos dons que lhe foram concedidos, é ao mesmo tempo testemunha e Instrumento vivo da missão da própria Igreja, ‘segundo a medida concedida por Cristo’ (Ef. 4,7)”<sup>121</sup>.*

A uma maior participação laical deve corresponder uma maior exigência na formação dos cristãos leigos, que já referi anteriormente, e que os ajudará a discernir o seu lugar na Igreja e no mundo, que evitará os perigos da «clericalização dos leigos» e de que estes se transformem em pastores. Esta formação não se pode limitar aos conteúdos doutrinários ou pastorais, para melhor desenvolver as suas funções pastorais, mas a formar consciências e ajudar ao discernimento e ao compromisso, partindo do Evangelho e da riqueza dos documentos da Igreja, em particular da Doutrina Social da Igreja, tão desconhecida e desvalorizada. A dimensão do apostolado social, em particular nas comunidades paroquiais, está hoje muito desvalorizada e mais do que nunca os leigos têm de ter uma intervenção no mundo da política, da economia, da cultura, da comunicação, da família, da realidade social, pois *“cada leigo deve ser, perante o mundo, uma testemunha da ressurreição do Senhor Jesus e um sinal de Deus vivo”<sup>122</sup>*. As comunidades têm, com urgência, de valorizar a dimensão social da evangelização, criando espaços de debate público sobre as questões sociais mais problemáticas e pela sua presença junto das várias realidades. E esta missão tem de ser assumida pelos leigos, que deve ser profeta, denunciando tudo o que vá contra a

---

<sup>121</sup> LG, n.º 33.

<sup>122</sup> LG, n.º 38.

dignidade do homem e as desigualdades; apontando caminhos para salvar o homem; pelo testemunho credível e coerente de vida, que atrairá outros a Jesus Cristo que, como profeta, sacerdote e rei, veio indicar o caminho da salvação.

## **6. A espiritualidade na edificação das paróquias como comunidades**

Para muita gente falar de espiritualidade é falar de algo que é vivido apenas por um grupo de minorias, de elite, vivido por padres e religiosos, denotando uma perspectiva individualista, afastada do mundo e da vida dos crentes.

Pelo contrário, a Igreja, na sua missão evangelizadora e missionária, deve levar o homem à experiência de encontro com Deus, que toma a iniciativa de se revelar ao homem, que sob ação do Espírito Santo e na fé, acolhe a voz de Deus e O experimenta na sua vida. Desta forma a vida espiritual é experiência de Deus vivida, é vida que se vive e que se cultiva, pelo estudo e leitura da Palavra de Deus (fé conhecida), pela oração e nos sacramentos (fé rezada e celebrada) e que se vai refletir no concreto da existência do homem (fé vivida), que pelo seu testemunho de vida, coerente e alegre, anuncia Jesus Cristo.

A espiritualidade cristã deve estar estreitamente ligada à vida. O Concílio exortou todos os cristãos a integrar a sua fé na vida quotidiana. As paróquias têm de promover esta dimensão e levar os homens ao encontro com Cristo, devem ser lugares em que as pessoas encontrem uma intensa vida espiritual, celebrativa e caritativa que atraia os afastados e a todos fortaleça. A vida de oração comunitária deve ser promovida para ajudar as pessoas a superar o desânimo e o cansaço diante da missão, voltando à fonte e à raiz que é a pessoa de Cristo

### 6.1. Promover uma espiritualidade de comunhão

A Igreja é o Povo convocado por Deus, âmbito onde se faz a experiência de comunhão, de abertura ao Outro e aos outros. Permanecer juntos foi a condição exigida por Jesus para receberem o dom do Espírito Santo. E eles reuniram-se e eram assíduos à oração (cf. Act 1,14). No Pentecostes, o Espírito, com o dom das línguas, mostra que a sua presença une e transforma a confusão e divisão em comunhão.

Cada membro do Povo de Deus é um sujeito ativo da comunidade onde está inserido e, como corpo organizado que tem como cabeça Cristo, é chamado a assumir a sua vocação batismal, de acordo com o carisma que lhe foi concedido (cf. 1 Cor 12, 4-30). Sendo o carisma um dom gratuito do Espírito Santo, destinado à edificação da Igreja, uma manifestação do Espírito para o bem comum, eles são concedidos com a finalidade de servir, construir e edificar a Igreja dinamicamente.

Assim, a paróquia é chamada a *“passar da colegialidade piramidal à sinodalidade horizontal (...) que coloca todos os batizados, leigos, consagrados e ordenados, a trabalhar conjuntamente na vocação de construtores do Reino de Deus entre os homens”*<sup>123</sup>. Todos os batizados são chamados a viver e a colaborar, na diversidade dos seus carismas, numa relação de corresponsabilidade, colaboração e comunhão, na Igreja.

As comunidades paroquiais, na fidelidade à sua missão, têm de promover uma espiritualidade de comunhão, uma *“solidariedade eclesial na responsabilidade pela comunhão e pela missão, onde cada batizado é reconhecido no seu contributo batismal e na sua capacidade espiritual de participação fraterna”*<sup>124</sup>.

---

<sup>123</sup> PAES, Carlos, *Repensar a Pastoral da Igreja em Portugal*, p. 24.

<sup>124</sup> PAES, Carlos, *Repensar a Pastoral da Igreja em Portugal*, p.24

### 6.1.1. O Conselho Paroquial de Pastoral: gerador de comunhão

Como expressão da necessidade de unidade e comunhão na diversidade na missão da Igreja, o Direito Canónico, ordena que:

*“constitua-se em cada paróquia o conselho pastoral, presidido pelo Pároco, e no qual os fiéis, juntamente com aqueles que por força do ofício participem no cuidado pastoral da paróquia, prestem a sua ajuda na promoção da ação pastoral. O Conselho Paroquial de Pastoral tem apenas voto consultivo, e refere-se pelas normas estabelecidas pelo Bispo Diocesano”<sup>125</sup>.*

Tem por finalidade investigar e ponderar tudo o que respeita aos trabalhos pastorais paroquiais e propor conclusões práticas, de tal maneira que se promova a conformidade da vida e acção do Povo de Deus com o Santo Evangelho<sup>126</sup>. Para tal é necessário que

*“o pároco reconheça e promova a parte que os fiéis leigos possuem na missão da Igreja, fomentando as associações dos mesmos fiéis para fins religiosos (...) esforce-se também por que os fiéis tenham cuidado de comunhão paroquial, e bem assim porque se sintam membros não só da diocese mas também da Igreja Universal, e participem e sustentem as obras destinadas a promover a mesma comunhão”<sup>127</sup>.*

O Conselho Pastoral torna assim possível a participação organizada dos leigos na vida paroquial, promovendo a comunhão:

*“Habituem-se os leigos a trabalhar na paróquia intimamente unidos aos seus sacerdotes, a trazer, para a comunidade eclesial, os próprios problemas e*

---

<sup>125</sup> CDC, Cân. 536

<sup>126</sup> Cf. CDC, Cân. 511.

<sup>127</sup> Cf. CDC, Cân. 529 § 2º.

*os do mundo, e as questões que dizem respeito à salvação dos homens, para que se examinem e resolvam com o concurso de todos*”<sup>128</sup>.

Os Conselhos Pastorais surgem como resposta à renovação conciliar e como meio de conseguir a coordenação e animação da vida própria da Paróquia e promover a comunhão e corresponsabilidade na Igreja.

Apesar desta proposta universal da Igreja, muitas paróquias não o têm e muitas nunca o tiveram; outros existem e são de fato dinamizadores e espaço de colaboração e comunhão (muito poucos); outros existem mas não promovem a verdadeira comunhão, não edificando autênticas comunidades cristãs. Muitas vezes são “armaduras” que existem no papel e até aprovados, mas que acabam por esmagar a vida e extinguir o Evangelho, sem dimensão missionária. Tornam-se mais um grupo de coordenação, que procura muitas vezes a uniformidade, eliminando o que é específico e carismático, e não a unidade na diversidade. Na realidade O Conselho Pastoral não existe para organizar as coisas, mas para se interrogar acerca do testemunho e da missão da Igreja nesse lugar. Anima a prática da corresponsabilidade batismal.

Os conselhos pastorais devem incentivar a comunhão e a participação dos leigos na Igreja, à imagem do corpo em S. Paulo, que explica o lugar e a necessidade de todos para o bem comum, sendo expressão de sinodalidade. Há no entanto necessidade de tornar os Conselhos Pastorais verdadeiros espaços de diálogo e de comunhão, centrados no Evangelho e na missão evangelizadora e missionária da Igreja, definindo prioridades e ações pastorais, procurando o que há e pode ser feito em comum. Que não sejam espaço para invocar o que é “seu” e que o “seu” é melhor e que os outros são dispensáveis. Para que estes sejam verdadeiro serviço à comunhão e expressão corresponsável da unidade na diversidade, que ajudem as comunidades a abrirem-se a

---

<sup>128</sup> ChL, nº 27.

uma nova evangelização, penso que seria necessário repensar a forma como este é constituído e até rever os estatutos para a eleição dos seus elementos que, muitas vezes, é feita pelos elementos dos grupos de uma forma irresponsável, com critérios que nada têm a ver com motivos pastorais e com espírito de serviço, sem preparação prévia, desvalorizando as exigências e responsabilidades dos membros que o constituem, que não se pode resignar a encontros pontuais de planificação. É indispensável que os conselhos pastorais *“cuidem da vitalidade evangélica da paróquia, contribuindo para impulsionar uma corrente de fraternidade, despertando continuamente as comunidades locais que a compõem, para a alteridade, a abertura e a partilha”*<sup>129</sup>.

O Conselho Pastoral ajuda a realizar a missão salvífica da Igreja da qual a paróquia está encarregada: celebração, anúncio da Palavra, serviço do mundo, onde todos são necessários e devem estar envolvidos, com ousadia e espírito de missão, onde todos compartilham as decisões pastorais e económicas (que muitas vezes são assumidas por quem não tem envolvimento e sensibilidade pastoral limitando-se à gestão do edifício, igreja, à imagem de qualquer empresa).

## *6.2. Promover uma espiritualidade com sentido missionário*

Diz o Santo Padre que a *“a alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos é uma alegria missionária”*<sup>130</sup>. E é essa alegria que é necessário anunciar a todos, em todas as circunstâncias e que tem a *“dinâmica de êxodo e do dom, de sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além”*<sup>131</sup>.

---

<sup>129</sup> BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*, p. 149.

<sup>130</sup> EG, n.º 21.

<sup>131</sup> EG, n.º 21.

A espiritualidade missionária nasce da comunhão íntima com Cristo, experiência transformante de encontro. Esta experiência viveram os Apóstolos enquanto ouviram e compartilharam a vida com Jesus. Mas só a partir do Pentecostes, quando receberam o dom do Espírito Santo, é que os seus olhos se abriram verdadeiramente e perceberam o alcance da sua missão e sentem a presença e a força de Deus: *“Não tenhas medo... porque eu estou contigo”*(At 18,9-10). E o Espírito transforma-os em testemunhas corajosas e anunciadores credíveis de Sua palavra. Será o Espírito quem os conduzirá pelos caminhos árduos e novos da missão e os impele a anunciar e a testemunhar a alegre notícia: Cristo morreu e ressuscitou (cf At 2).

É o Espírito que gera a Igreja e a *“espiritualidade missionária exprime-se, antes de tudo, no viver em plena docilidade ao Espírito, e em deixar-se plasmar interiormente por Ele, para se tornar cada vez mais semelhante a Cristo”*<sup>132</sup>. Com o Espírito, o Evangelho é força de Deus que anima a vida do cristão e o faz viver a centralidade de Cristo na sua vida, chamado e enviado à missão de evangelizar. O mundo de hoje precisa de evangelizadores animados pelo Espírito, que *“se abrem sem medo à ação do Espírito Santo”*<sup>133</sup>, não desligados da vida mas

*“que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração. É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado,*

---

<sup>132</sup> RM, n° 87.

<sup>133</sup> EG, n° 259.

*quebrantamo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração*”<sup>134</sup>.

A vida e testemunho de São Paulo são exemplo de quem, a partir do reconhecimento de Jesus vivo, com quem se encontrou no caminho e de quem fez experiência pessoal, se transforma. Morrendo e ressuscitando com Cristo, nasce o homem novo, envolvido no imenso amor de Cristo, único sentido para a sua vida, e identifica toda a sua vida com Cristo, *“fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu que vive, mas Cristo vive em mim”* (Gálatas, 2,19-20). Convertido a Cristo e à Igreja, a vida de Paulo só tem sentido anunciando Jesus Cristo morto ressuscitando a todos os homens, e com ardor, ânimo e paixão afirma o vigor do missionário: *“Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; pelo contrário, é uma necessidade que me foi imposta: Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!”* (1 Cor 9, 16).

Urge promover uma espiritualidade missionária, centrada no vigor do Evangelho, onde

*“o verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio do compromisso missionário. Se uma pessoa não o descobre presente no coração mesmo da entrega missionária, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar seguro do que transmite, falta-lhe força e paixão.”*<sup>135</sup>.

Descoberto o tesouro que é Cristo é necessário partilhar ao mundo esta alegria que dá sentido à vida e que é a razão da nossa esperança.

---

<sup>134</sup> EG, n° 262.

<sup>135</sup> EG, n° 266.

### III - A REORGANIZAÇÃO DA AÇÃO PASTORAL DAS PARÓQUIAS OU DESAFIOS PARA UMA PARÓQUIA COM ESPÍRITO

Já referi anteriormente a necessidade de uma paróquia renovada para que se viva uma verdadeira pastoral de encontro e conversão a Jesus Cristo, de gestação e de acompanhamento, com um dinamismo missionário, que corresponda ao desafio do tempo presente que é anunciar o Evangelho a todos os homens, que torne as paróquias *“células vivas da Igreja e o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e a comunhão eclesial. São chamadas a ser a casa e escolas de comunhão”*<sup>136</sup>.

A nova organização ou remodelação das paróquias *“deve basear-se num projeto de Igreja capaz de dar um novo impulso ao serviço do Evangelho e do Reino na sociedade atual”*<sup>137</sup>, o que implica voltar os olhos para o que é essencial na sua missão que é o anúncio de Jesus Cristo, e (re)propor o Evangelho, como a fonte de toda a pastoral.

O teólogo Gilles Routhier<sup>138</sup> refere a necessidade de dar prioridade à missão e a uma pastoral suficientemente flexível para nos aventurarmos no campo do outro numa sociedade em que nem toda a gente adere explicitamente a Cristo nem deseja incrementar a sua pertença à Igreja, de passar de uma Igreja à qual pertencemos por nascimento, por costume ou por hábito, para uma Igreja de proposta na qual cada um se faz cristão por opção e decisão pessoais.

Para que esta transformação possa acontecer é necessário que a paróquia adquira um novo rosto, em que as relações fraternas entre os cristãos leve à descoberta de uma nova e verdadeira comunidade de crentes, onde todos se sintam acolhidos e

---

<sup>136</sup> DA, nº 170.

<sup>137</sup> BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*, p. 187.

<sup>138</sup> Cf. BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*, p. 185-200.

reconhecidos, e se faça a experiência de comunhão. A paróquia surgirá assim como uma célula missionária onde evangelização e missão caminham lado a lado, que procure tocar o coração de cada um despertando para a vivência da Igreja como comunidade.

Ao falar da paróquia como célula missionária, o referido teólogo, fala da importância de se distinguir o termo paróquia e missão, de forma a evitarem-se ambiguidades que em nada ajudam a reorganização das paróquias. Diz a este respeito que

*“a missão é a atividade própria da Igreja quando ainda não estiver implantada num lugar e quando a Palavra ainda não tiver sido escutada de modo a suscitar um movimento de reunião. (...) A paróquia evoca estabilidade, enraizamento, institucionalização da Igreja e sedentariedade. É criada quando a Igreja, após uma série de anos de atividade missionária, se constitui num lugar. A paróquia é a Igreja reunida pela Palavra, a missão representa a Igreja aberta a um mundo que ainda não escutou a Palavra. A missão é, pois, fundamentalmente uma atividade itinerante que implica o envio e a saída para outras paragens, para lugares onde o Evangelho ainda não tiver sido anunciado nem escutado”<sup>139</sup>.*

Consciente da necessidade desta distinção e considerando o contexto sócio-religioso dos cristãos com a paróquia, já analisado atrás, reforço a necessidade da preocupação missionária nas novas paróquias. Estas são chamadas a abrir-se ao mundo e enviadas aos que ainda não conhecem Cristo ou que, sendo batizados, se afastam da vida cristã.

Mas porque *“aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na*

---

<sup>139</sup> BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*, p. 65-66.

*verdade e O servisse santamente*”<sup>140</sup>, é fundamental a experiência de cada um como Povo de Deus, chamado a viver em comunhão à imagem da Trindade. Esta experiência de comunhão, que todo o cristão é chamado a viver não tem apenas um fundamento teológico mas também natural, isto é, todo o homem é chamado à relação, à partilha, e só na relação com o outro se reconhece como indivíduo. Isto exige a

*“reformulação das suas estruturas, para que seja uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articular conseguindo que seus membros se sintam realmente discípulos e missionários de Jesus Cristo em comunhão. (...) Toda a paróquia é chamada a ser o espaço onde se recebe e se acolhe a Palavra, onde se celebra e se expressa na adoração do Corpo de Cristo, e assim é a fonte dinâmica do discipulado missionário. Sua própria renovação exige que se deixe iluminar de novo e sempre pela Palavra viva e eficaz”*<sup>141</sup>.

Assim, a paróquia renovada deverá ser **“comunidade de comunidades missionárias”**, onde o referencial mais importante é o sentido de pertença à comunidade e não o território e onde a reorganização deverá ser feita em função da missão, sendo necessário distinguir: missão e função da comunidade paroquial e das comunidades missionárias, no âmbito da evangelização.

### **1. A comunidade paroquial**

A paróquia é a Igreja constituída num lugar, é a assembleia convocada por Deus e, em razão do seu batismo, a reunir-se em redor da mesa da Palavra e da Eucaristia, onde é chamada na diversidade dos seus membros, a viver a verdadeira fraternidade. À comunidade paroquial *“compete a dupla função: o testemunho do Evangelho e a prestação de serviços”*<sup>142</sup> em que é valorizada a sua *“dimensão instituída, como um*

---

<sup>140</sup> LG, n° 9.

<sup>141</sup> DA, n°172.

<sup>142</sup>BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*, p. 156.

*espaço no qual os indivíduos podem partilhar a sua busca de sentido, ser ouvidos e reconhecidos, criar relações e redes de solidariedade”<sup>143</sup>.*

A comunidade paroquial deve exercer o ministério pastoral, cuidando da assembleia cristã, que aprofunda a sua fé nas várias dimensões: conhecida, vivida, celebrada, rezada e testemunhada. Como centro congregador e evangelizador, dirige-se assim àqueles que têm já um sentido de pertença à comunidade, onde se desenvolve a iniciação cristã e a formação sistemática, se celebra a fé e os sacramentos, se providencia o cuidado pastoral dos fiéis.

Aí coexistem cristãos que não valorizam as relações pessoais e mediáticas, não deixando de viver a dimensão de fraternidade cristã na assembleia e alimentando-se da Palavra e da Eucaristia; e outros que valorizam as relações mais mediatizadas e personalizadas, de tipo comunitário, pelo que a comunidade paroquial deve fomentar a existência de pequenas comunidades, onde essa experiência seja possível, e de acordo com os seus interesses. A comunidade paroquial deve promover, animar e apoiar outras iniciativas complementares, que ela não pode pôr em prática de forma adequada, “abrindo as suas portas” e pondo-se a caminho, para ir ao encontro das pessoas nos seus caminhos pessoais e nos seus diversos percursos de fé, levando no seu alforge o Evangelho, como proposta que leve ao encontro com Cristo. Não pode descurar a sua dimensão e espiritualidade missionária, promovendo no seu seio pequenas comunidades, como células missionárias.

## **2. Comunidades missionárias**

A comunidade paroquial deve tornar-se próxima, presente e reconhecível a todos. Tem de inventar novas formas de presença, de proximidade, assegurando o anúncio de

---

<sup>143</sup> BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*, p. 156.

Jesus Cristo, a partilha da Palavra, a oração, a solidariedade. Assim deverá enviar cristãos empenhados, evangelizadores que tenham feito a experiência de Jesus Cristo, formados e animados pelo Espírito, que se sintam enviados em nome da comunidade, para levar a Palavra de Deus, aos que andam afastados ou que nunca d'Ele ouviram falar. Desta forma, com uma espiritualidade missionária, surge a nova paróquia, reorganizada em função do critério de missão, em que a comunidade paroquial está disposta a enviar os seus para 'fora', ao encontro daqueles e daquelas que já não têm nenhum contacto com a vida eclesial, e a destacar alguns trabalhadores para se consagrarem à missão. Revaloriza-se assim, à imagem de Paulo, o ministério missionário e itinerante do primeiro anúncio, que pode passar por criar espaços, à imagem de "casas do Evangelho", onde as pessoas do lugar se reúnam para a escuta e partilha da Palavra de Deus, para a oração, para a caridade. É fundamental que estes crentes que aqui se reúnem, com evangelizadores chamados e enviados em nome da comunidade, sintam e façam a experiência de uma comunidade integrante da comunidade paroquial, que aí se torna visível e presente.

### **3. Desafios à Párokua como "comunidade de comunidades" missionárias**

Respondendo aos desafios de uma paróquia como comunidade de comunidades, aberta a todos e ao mundo, que assuma a missão de levar o Evangelho a todos os seus paroquianos, é necessário (re)pensar, na fidelidade à sua missão, os objetivos e caminhos pastorais, de forma a que a paróquia se torne sinal da presença de Deus a cada homens. Proponho alguns desafios:

- Viver uma pastoral de gestação: fomentar e valorizar o diálogo entre todos os cristãos, fomentando experiências partindo das pessoas e dos seus diversos itinerários de fé; proporcionando espaços de "laboratórios da fé" onde os cristãos questionem e

amadureçam a sua fé, fazendo opções conscientes e livres que levem à personalização da fé e ao conseqüente testemunho.

- Criar espaços para o acolhimento fraterno e para o encontro, dentro e fora do espaço da comunidade paroquial.

- Formar e acompanhar equipas diferenciadas, verdadeiros evangelizadores para a missão, que repartam com o Pároco a responsabilidade pastoral e a presença da comunidade a todos.

- Tornar a paróquia mais próxima dos cristãos. Sabendo que a maioria dos cristãos se aproximam da paróquia por ocasião do pedido de um serviço ou rito, criar redes de comunicação com os evangelizadores para a missão, próximos do seu espaço geográfico ou de “interesses”, que os tornem verdadeiros “companheiros na fé” e tornem assim a comunidade paroquial “*na própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas*”<sup>144</sup>. Existem redes já criadas, como por exemplo a visita da Sagrada família às casas dos diversos lugares da comunidade paroquial, que poderão e deverão ser revitalizadas.

- Promover, impulsionar e valorizar a diversidade dos carismas, das funções, dos compromissos na comunidade paroquial, tornando presente a dimensão ministerial e colegial da Igreja, o que pressupõe um chamamento ao pluralismo de ministérios. A pastoral não pode estar assente nem gravitar à volta do Pároco, não apenas pelo seu reduzido número mas porque todos os batizados são chamados ao sacerdócio comum dos fiéis e participantes, cada um a seu modo, a tornar vivo o Corpo de Cristo que é a Igreja. Em virtude da ordenação, compete ao pároco “*gerar a fé, reunir a Igreja de Deus por Cristo no Espírito e alimentar nela, pela missão, a preocupação com a*

---

<sup>144</sup> ChL, nº 26.

*universalidade*”<sup>145</sup>. Deve chamar, confiar e repartir com outros a responsabilidade e compromisso na edificação da comunidade paroquial, consoante os dons de cada um. Assim deve haver a preocupação em “despertar, no conjunto dos membros do corpo eclesial, a sua vocação batismal para que venham a ser apóstolos missionários.

- Fomentar a responsabilidade e a comunhão. Mais do que nunca é necessário repartir responsabilidades e despertar uma consciência verdadeiramente eclesial, de unidade na diversidade. Há necessidade urgente que cada comunidade paroquial tenha o seu Conselho de Pastoral ou reveja o seu papel, como espaço de coordenação e comunhão, tendo no horizonte não apenas a organização mas essencialmente a missão do anúncio do Evangelho a todos.

- Revalorizar o Domingo, reunião por excelência da comunidade cristã que se reúne em redor da única mesa eucarística, onde a Igreja se expressa como Corpo de Cristo, pois a Eucaristia é o “lugar” onde permanentemente a Igreja se exprime como comunhão, una e variada, una e universal. Sem querer questionar a necessidade de hoje se antecipar a celebração do Domingo para o sábado, principalmente por motivos laborais dado que cada vez mais pessoas trabalham ao Domingo, não será que esvaziamos o Domingo, dia da Ressureição do Senhor, do seu verdadeiro sentido? Revalorizar o Domingo poderá passar por celebrar menos Eucaristias, que muitas vezes estão ajustadas ao interesse e devoção pessoal, pouco participadas e celebradas a correr, num esforço de agradar a todos e a cada um. Penso que a este nível é necessária uma catequese mistagógica e a formação para verdadeiro sentido da Eucaristia de Domingo, incrementando nos fiéis uma consciência eclesial, expressa na catolicidade e unicidade da assembleia dominical, que partilha e compartilha o Pão da Vida. A comunidade

---

<sup>145</sup> Cf. BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*, p. 169.

paroquial renovada terá de ter a Eucaristia como centro pois *“uma boa liturgia dominical é uma aprendizagem em ato da identidade eclesial dos cristãos”*<sup>146</sup>.

#### **4. A Inter-paroquialidade ou unidades Paroquiais**

A paróquia com dinamismo missionário, que implica a presença e proximidade junto de todos, a diversidade de propostas de forma a ir ao encontro do maior número de pessoas, é um grande desafio. São muitas as dificuldades que se colocam às paróquias para desempenhar, por si mesmas, o essencial da sua missão, que requerem, como já foi referido, um sair de si mesma e com novidade, ousadia e criatividade ir ao encontro de todos.

No que concerne aos agentes pastorais, constata-se que os párocos são cada vez menos, acumulando a paroquialidade de mais do que uma comunidade, esgotando as suas energias e tempo em encontros de grupos, celebrações e eucaristias, que repetem em cada uma das comunidade, não podendo por isso acompanhar com proximidade a vida da comunidade. Por outro lado há poucos leigos com consciência eclesial e formação que os comprometa na ação pastoral, de forma comprometida e estável, nas comunidades.

Falar em necessidade de reestruturação das paróquias não significa, na minha opinião, “juntar paróquias” ou criar “novas paróquias”. É que podemos estar a transportar para estas novas realidades as mesmas dificuldades, as mesmas propostas, que não funcionam nas comunidades agrupadas, quanto mais em grandes estruturas, anónimas e institucionais. Se a paróquia como comunidade de comunidades acentua a relação entre os cristãos que constituem a Igreja no local, nos ambientes e interesses mais diversificados, penso que agrupar paróquias não é a solução. Como refere o Papa

---

<sup>146</sup> BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*, p. 167.

Francisco, a Paróquia não é uma “*estrutura caduca*”, precisa é de “*se reformar e adaptar para continuar a ser a ‘própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas’*”<sup>147</sup>. Mas para que esta renovação seja possível e se mantenha esta proximidade é, sem dúvida alguma, necessário juntar as sinergias humanas e materiais, e rentabilizá-las de forma a que a ação pastoral se torne mais eficaz. Penso que um dos caminhos poderá ser a inter-paroquialidade, facilitada até pelo facto de que um elevado número de párocos acumula a sua função em mais do que uma paróquia, o que torna mais fácil esta inter-paroquialidade, que passarei a designar por ***Unidade Paroquial***<sup>148</sup>.

O Directório para o Ministério Pastoral dos Bispos, a este respeito, refere que

*“é cada vez mais comum recorrer às formas de «unidades pastorais» com as quais deseja-se promover a colaboração orgânica entre paróquias vizinhas, como expressão de uma pastoral de conjunto. Quando o Bispo considerar oportuno a constituição de tais estruturas, convém que tenha presente os seguintes critérios: que as áreas territoriais sejam delimitadas de modo homogêneo, também do ponto de vista sociológico; que as paróquias envolvidas realizem uma pastoral de conjunto; que sejam garantidos de modo eficaz os serviços pastorais de cada uma das comunidades presentes no território. Ao promover uma diferente organização do serviço pastoral, não se pode esquecer que cada comunidade, mesmo pequena, tem direito a um autêntico e eficaz serviço pastoral”*<sup>149</sup>.

Este caminho pastoral pressupõe a reorganização diocesana do clero, tendo em conta a possibilidade de colaboração entre as paróquias com o mesmo pároco. Entendo

---

<sup>147</sup> Cf. EG, n° 28.

<sup>148</sup> Cf. BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*, p. 152.

<sup>149</sup> Directório para o Ministério Pastoral dos Bispos, n° 215.b.

que a proximidade geográfica das paróquias pode ajudar este trabalho mas o que deve ser valorizado são as relações entre os fiéis, a própria realidade do coletivo que constituem, costumes e mentalidade dos fiéis, de meios sociais e necessidades económicas e administrativas, de tradições históricas e pastorais, e o tecido comunitário expresso pela vida eclesial que praticam. Trata-se, pois, de perguntar o que é que dá origem à interdependência entre os fiéis e comunidades. Este caminho pressupõe um estudo prévio mas urgente, por parte das dioceses.

As Unidades Paroquiais, na minha opinião, não devem desvalorizar a pastoral nas comunidades paroquiais, como referi anteriormente, mas desenvolver a sua ação nos seguintes âmbitos:

\* formação dos agentes de evangelização missionária. Estes deverão acompanhar as pequenas comunidades itinerantes e/ou as que reúnem no espaço físico da Igreja. Isto implica um novo paradigma de formação para a missão, que leve ao encontro com Jesus Cristo e ao anúncio a todos da Alegria do Evangelho.

\* na colaboração entre paróquias que não podem, por si só, oferecer o que é essencial para “vir a ser cristão”, pondo em comum os seus recursos pessoais e que Alphonse Borrás denomina de “sector paroquial” e que designa o conjunto de paróquias confiadas a um só pároco<sup>150</sup>. A este nível poderemos falar da formação e acompanhamento dos agentes de pastoral, nos seus vários setores: catequese, leitores, acólitos, ministros da comunhão, serviço da caridade, etc... ou mesmo por, no caso concreto da catequese, reunir as crianças e adolescentes da catequese das paróquias num local inter-paroquial ou numa das paróquias, o que poderá ser “frutuoso” nas comunidades que têm poucas crianças e adolescentes. Em particular com os jovens, que

---

<sup>150</sup> Cf. BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*, p. 152.

têm grande abertura a um trabalho mais alargado, de partilha de experiências e de realizações concretas, é de toda vantajosa esta colaboração.

\* Colaboração integrada entre paróquias que consiste em *“pôr em comum mais formalmente as atividades e recursos de tal maneira que a noção de colaboração se transforma progressivamente numa prática integradora das diferentes paróquias”*<sup>151</sup>.

\* Celebração dos tempos fortes da Igreja, como seja a Vigília de Natal, Pascal, Pentecostes, Semana Santa, ou outros momentos celebrativos, numa das paróquias que constituem a Unidade Paroquial. As várias iniciativas pastorais e celebrações da Unidade Paroquial deverão ser realizadas e celebradas de forma rotativa nas várias paróquias que a constituem, ou naquela que foi escolhida por todas para congregar os diversos setores, isto é, cada comunidade paroquial pode assumir e desenvolver a ação pastoral de um setor específico, de acordo com as sinergias físicas e humanas.

Sendo o Pároco o responsável pela unidade paroquial e pelas comunidades paroquiais que a constituem, este deve rodear-se de uma equipa pastoral, formada por leigos com qualidades humanas, formação teológica e pastoral, para com ele coordenarem e animarem a ação pastoral.

Cada comunidade paroquial que integra a unidade paroquial deverá manter a proximidade com as pessoas da comunidade, conservando os seus lugares de culto, os seus locais de evangelização o mais próximo das pessoas, o apoio aos pobres, doentes e sós, o acompanhamento às famílias, os seus centros de acolhimento e de prestação de serviços, etc. É desejável que os conselhos pastorais e económicos de cada comunidade se ajudem mutuamente e colaborem na unidade paroquial, de forma a que haja coordenação pastoral e de meios económicos, indispensável à concretização dos objetivos e missão da unidade pastoral.

---

<sup>151</sup> BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*, p. 152.

## 5. As Vigararias

As Vigararias são o conjunto de paróquias em que se divide territorialmente a Diocese para que melhor se exerça a missão da Igreja: profética, sacerdotal e real, e se promova e coordene a atividade pastoral comum na vigararia. Contribui para o exercício da pastoral de conjunto e são um meio necessário para a subsidiariedade e a boa organização do ministério na Diocese.

Assim esta circunscrição eclesial deverá fazer a ponte entre a Diocese e as comunidades paroquiais, de forma a que a pastoral tenha em conta os planos, objetivos e a programação diocesana, ajudando as comunidades na sua concretização e vivência de comunhão eclesial, investindo numa pastoral de conjunto.

D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima, refere que a vigararia tem como missão a comunhão, pondo em prática a unidade da Igreja, que passa por uma pastoral integrada que

*“põe em ação todas as energias de que o povo de Deus dispõe, valorizando-as na sua especificidade e, ao mesmo tempo, fazendo-as confluir em projetos comuns, pensados, definidos, programados e realizados em conjunto (...) Ela põe em rede os múltiplos recursos de que dispõe: humanos, espirituais, culturais, pastorais”<sup>152</sup>.*

Para uma paróquia renovada é também necessário uma vigararia renovada, não em termos de organização geográfica (sendo necessário repensá-las em algumas dioceses), mas como expressão de uma maior colaboração entre paróquias, pondo em comum e partilhando os seus dons e ministérios, os seus recursos e as competências das pessoas, ao serviço do anúncio do Evangelho.

---

<sup>152</sup> DOM ANTÓNIO MARTO, *Um Novo Olhar Pastoral: Paróquia, Vigararia e Missão do vigário*, Revista Leiria-Fatima, Ano XVI, nº 45, 2008, p. 12.

Para que nas vigararias se manifeste e alargue a comunhão e a corresponsabilidade entre todos é preciso assumir que é um trabalho de todos e não apenas do clero, que não basta ter equipas nos vários setores, quando estas não comunicam entre si e não trabalham em rede nem coordenam as suas programações, quando não têm objetivos nem planificação pastoral. Muitas vezes as ações propostas são pontuais e não levam ao compromisso. Para que possam promover e coordenar a atividade pastoral comum na vigararia, em comunhão com a Igreja Diocesana, é necessário:

- Passar da prioridade da formação à prioridade da missão, alicerçada na Alegria do Evangelho, elaborando projetos pastorais de evangelização missionária, que levem ao compromisso e paixão pela missão.

- Conhecer e assumir os planos e propostas pastorais da Igreja Universal e Diocesana, de forma a expressar a comunhão com a Igreja

- Ter consciência da realidade das comunidades paroquiais ou Unidades Paroquiais que a constituem: suas dificuldades, competências humanas, seus recursos.

- Criar conselhos vicariais de pastoral que promovam a comunhão, a corresponsabilidade, colaboração e sinodalidade, de forma a que a planificação e coordenação pastoral possa ser assumida por todos. Estes conselhos devem ser o mais abrangente e representativos possível: o vigário, os párocos, representantes dos vários setores da pastoral: anúncio da fé, celebração da fé, caridade e comunitário (representantes da comissão permanente do conselho paroquial de pastoral); movimentos e obras existentes na vigararia; o ensino religioso nas escolas, etc..., e ser expressão de uma pastoral de diálogo, de conversão, evangelização e missionária.

- Programar e animar a ação pastoral da vigararia com base nas propostas do Conselho Vicarial de Pastoral e da Diocese.

- Formar os agentes de pastoral. Para uma paróquia renovada referi a necessidade urgente de agentes de pastoral que sejam evangelizadores missionários e para a animação pastoral. Esta formação deverá ser assumida pela Vigararia, encaminhando, em alguns casos, para as propostas de formação diocesana e assumindo outras, procurando uma transversalidade da formação no que é comum aos vários setores e o específico de cada um. Deverá proporcionar a formação específica para a missão, com novos métodos e dinâmicas.

- Criar um espaço de formação laical, aberto a todos os cristãos da vigararia, com propostas temáticas mais ligadas à vida, como a Doutrina Social da Igreja, onde se promova o apostolado e espiritualidade laical.

- Encontrar momentos celebrativos ou de festa, a nível vicarial, que congreguem a diversidade do Povo de Deus e que possam realizar-se, de forma rotativa nas comunidades paroquiais, de modo a tornar-se uma presença real e efetiva de comunhão.

- Apoiar e acompanhar as comunidades paroquiais ou Unidades Paroquiais, nas suas necessidades pastorais.

## CONCLUSÃO

O caminho da fé é sem dúvida alguma uma grande aventura, é caminhar com os olhos em Cristo, acolhendo a Sua Palavra sempre nova e atual, e que nos desinstala porque é dirigida a todos os homens, na diversidade das suas situações e percursos.

A Igreja, sinal e instrumento de Jesus Cristo, é chamada a viver o desafio desta aventura e de perceber que é apenas “instrumento” de uma Pessoa que não pode ser desfigurada mas que tem de ser comunicada com a simplicidade, transparência, ousadia, criatividade, exigência, e fidelidade a Deus, que é própria de Jesus Cristo.

Impõe-se assim que as comunidades paroquiais, na fidelidade à sua missão, se deixem transformar continuamente por Jesus Cristo e assumam *“formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade”*<sup>153</sup>. Esta transformação implica que as comunidades assumam a realidade de que já não são uma Igreja de massas e que não podem ficar parados a recordar o passado e a lamentar o presente. Todos são convidados e implicados a uma conversão pastoral, pessoal e comunitária, que passa por (re)propor o Evangelho, a Boa Nova de Jesus Cristo, como Caminho, Verdade e Vida.

As paróquias têm de transformar-se em “laboratórios de fé” em que todos tenham lugar, na diversidade das suas propostas, e que, pelo Evangelho, sejam gerados na fé, optem livremente e conscientemente por Jesus Cristo e aceitem o desafio de por Ele serem enviados, na sua situação de vida, a anunciar Jesus Cristo e a tornarem-se agentes de evangelização. É este o desafio que o Papa Francisco lança às paróquias, de se reformar e adaptar constantemente, apontando caminhos concretos:

*“isto supõe que esteja realmente em contacto com as famílias e com a vida do povo, e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos. A paróquia é presença*

---

<sup>153</sup> EG, n° 28.

*eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração. Através de todas as suas atividades, a paróquia incentiva e forma os seus membros para serem agentes da evangelização. E comunidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar, e centro de constante envio missionário”<sup>154</sup>.*

Assim como os discípulos, que gerados na vida de Jesus Cristo foram enviados em Seu nome e com a força do Espírito Santo, tomaram consciência da sua missão e aceitaram o desafio de anunciar o Evangelho, num tempo difícil e exigente, também nós somos enviados a esse mesmo anúncio. E o Santo Padre aponta-nos caminhos, a concretizar na realidade das diferentes comunidades paroquiais: tornamo-nos presentes a todos, isto é, sermos uma Igreja de “portas abertas” e em “saída”, que vai ao encontro das pessoas nas suas situações concretas e com propostas diversificadas; que não se fecha nas suas estruturas mas que tudo edifica em função do Espírito, do Evangelho e das pessoas; onde se faça a experiência de encontro pessoal com Jesus Cristo, em que a fé seja “gerada” e conseqüentemente conhecida, celebrada, vivida e rezada.

Nestes inícios do século XXI, é preciso assumir que, em Portugal, apesar de a grande maioria se assumir como católica porque batizada, esta não vive como cristã, não sabe dar razões da sua fé, não a celebram, e há uma grande dissociação entre a fé e a vida. Por outro lado, e como já referi, as crianças não crescem em famílias verdadeiramente cristãs e não são iniciadas na fé, nem acompanhadas no seu percurso catequético, o que as leva a afastar da Igreja após a Festa da Eucaristia ou da Confirmação. Sem questionar a necessidade de analisarmos e refletirmos bem o porquê desta situação, é urgente dar passos e as paróquias têm de assumir um novo olhar pastoral: de conversão onde prevaleça a confiança e a esperança; evangelizadora, que

---

<sup>154</sup> EG, n.º28.

seja criativa, ousada e capaz de percorrer novos caminhos; pastoral missionária, onde o anúncio convicto e alegre de Jesus Cristo seja uma prioridade, não fechada nas suas estruturas e no pequeno grupo ativo e comprometido; uma pastoral de gestação e de encontro que passa pela existência de pequenos grupos onde se estabelecem maiores e melhores relações e onde melhor se pode fazer a experiência de partilha e comunhão na diversidade. Que a paróquia seja “comunidade de comunidades”, onde todos tenham lugar e onde se façam verdadeiras e ricas experiências de fé, geradas pela alegria do Evangelho.

Nesta renovação pastoral penso que seria muito importante relançar a questão do “acolhimento” da Igreja e, em particular das comunidades paroquiais, às pessoas. Acolher bem é fundamental, as pessoas precisam de ser valorizadas, estimadas, reconhecidas. Mas é necessário fazê-lo ao “modo” de Jesus Cristo, que nunca se afastou das pessoas, aliás veio ao encontro dos pobres, dos fracos, dos humildes, das crianças, mas fê-lo sempre na fidelidade à sua missão, que era fazer a vontade do Pai e não para agradar às pessoas. E porque acolheu na fidelidade a Sua missão é que assumiu os confrontos com as autoridades religiosas, que levou à Sua morte na cruz. Acolher não significa abandonar o que é essencial à vivência da fidelidade ao Evangelho, para evitar que se afastem. É colocar todos no “centro”, dizer a todos que são amados por Deus, não excluir ninguém, mas permitir que cada um faça a sua opção livre e consciente. E alguns não optam por Jesus Cristo, o que não significa que a paróquia não os acolheu. É que acolher implica o respeito pela liberdade religiosa de cada um, que passa pela resposta de fé, à imagem do jovem rico, que Cristo “olhou e amou”, mas a quem não deixou de indicar o caminho exigente do amor a Deus e ao próximo, e de respeitar a sua decisão. Seria muito importante que esta questão fosse debatida para que os cristãos não andassem à procura das paróquias que melhor satisfazem as “suas vontades” porque a

única vontade que deve prevalecer é a de Deus, que tem um único projeto para os homens que é o da felicidade, e um único guia que é Cristo.

A paróquia, sem deixar de ser fundamental como célula da Igreja, a “própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas”<sup>155</sup>, tem de tomar consciência que, este novo olhar pastoral, implica uma abertura à vivência do mistério de comunhão, quer a nível paroquial, inter-paroquial, vicarial e diocesano. Esta vivência de pastoral de participação e de comunhão, vivida em corresponsabilidade e em espírito sinodal, tornará mais eficaz e dinâmica a ação pastoral, aos seus vários níveis e renovará as comunidades paroquiais. Que todos e cada um possam envolver-se neste desafio de renovação paroquial, tornando-a uma comunidade de comunidades, alimentadas na alegria do Evangelho, comprometidas no anúncio de Jesus Cristo e enviadas em missão para que *“a Alegria do Evangelho encha o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus”*<sup>156</sup>.

Não é tarefa fácil, mas é o único caminho que permite paróquias renovadas, em que o Evangelho fecunde a vida de todos os cristãos que, atraídos a Ele e com Ele se comprometem na vida, tornando-se seus discípulos.

---

<sup>155</sup> ChL, nº 26.

<sup>156</sup> EG, nº 1.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO**

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, 1993.

CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, Ed. Theologica, Braga, 1984.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Igreja “Lumen Gentium”* (21 de Novembro de 1964).

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Pastoral “Gaudium et Spes”*: *A Igreja no mundo atual* (7 de Dezembro de 1965).

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja* (7 de Dezembro de 1965).

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Decreto sobre O Apostolado dos Leigos* (18 de Novembro de 1965).

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Para que acreditem e tenham vida - orientações para a catequese atual*, Ed.Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2005.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *“Comunidade de comunidades: uma nova paróquia”*, Ed. CNBB, 2013.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral da Catequese* (15 de Agosto de 1997), Sec. Nacional Educação Cristã, Lisboa.

JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica “Novo Millennio ineunte”* (6 de Janeiro de 2001).

JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica “Redemptoris Missio”* (7 de Dezembro de 1990).

JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica Vicesimus Quintus Annus* (4 de Dezembro de 1988).

JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Christifideles Laici”* (30 de Dezembro de 1988).

JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica “Catechesi Tradendae”* (16 de Outubro de 1979).

PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium”* (24 de Novembro de 2013).

PAULO VI, *Exortação Apostólica “Evangelii Nuntiandi”* (8 de Dezembro 1975).

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, *Documento de Aparecida* (29 de Junho de 2007).

## **BIBLIOGRAFIA GERAL**

BACQ, Philippe; THEOBALD, Cristoph, *“Uma nova oportunidade para o Evangelho”*, Paulinas Editora, 2013.

BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *“A Nova Paróquia”*, Ed. Gráfica de Coimbra 2, Coimbra 2010.

CANTALAMESSA, Raniero, *“Horizontes para uma nova evangelização”*, Paulus Editora, Lisboa, 2013.

DIOCESE DO PORTO, *Orientações Diocesanas de Pastoral*, Porto, 1991.

FLORISTÁN, Casiano, *“Para compreender a Evangelização”*, Gráfica de Coimbra.

FLORISTÁN, Casiano, *Dicionário de Pastoral*, Ed. Perpétuo Socorro.

FLORISTÁN, Casiano, “*Para compreender a Paróquia*”, Gráfica de Coimbra.

FLORISTÁN, Casiano, “*Teología Practica-teoría y praxis de la acción Pastoral*”, Ed. Sígueme, Salamanca, 1991.

LUSTIGER, Jean-Marie, *A Missa*, Apostolado da oração, Braga, 2004,

MATTEO, Armando, “*A primeira Geração Incrédula – A difícil relação entre os jovens e a fé*”, Ed. Paulinas, 2010.

PAES, Carlos, “*Repensar a Pastoral da Igreja em Portugal*”, Ed. Paulinas, 2011.

PASTORAL CATEQUÉTICA, revista de catequese e educação, “*desafios pastorais de uma nova cultura*”, nº 1, 2005.

ROCHA, Georgino, “*Paróquia e Unidades Pastorais*”, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2008.